



VIVE-SE POR AMOR A ALGO
QUE ESTÁ
ACONTECENDO AGORA

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



RÍMINI 2006

VIVE-SE POR AMOR A ALGO
QUE ESTÁ
ACONTECENDO AGORA

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



RÍMINI 2006

Na capa: Catedral de Chartres, *A criação de Adão* (séc. XI-XIII).

© 2006 Fraternità di Comunione e Liberazione

Traduzione dall'italiano: Neófito Oliveira

Revisione: Giovanni Vecchio

Edizione fuori commercio

Finito di stampare nel mese di luglio 2006

presso Arti Grafiche Fiorin, Milano

Vaticano, 6 de abril de 2006

Reverendo Senhor
Padre Julián Carrón
Presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação

Reverendo Senhor,
por meio de prezada carta do dia 6 de abril p.p., e do relativo anexo, o senhor, em nome dessa Fraternidade, informou o Santo Padre a respeito dos Exercícios Espirituais que serão realizados de 28 a 30 de abril de 2006 em Rimini, e nos quais o senhor irá pregar sobre o tema “Vive-se por amor a algo que está acontecendo agora”.

Agradecido pelo gesto atencioso e pelos sentimentos manifestados, Sua Santidade faz votos de que esses dias de reflexão e de oração suscitem um empenho renovado de adesão a Cristo e de fidelidade à Igreja, e, enquanto confia à Maria Santíssima o bom êxito do encontro, com afeto concede ao senhor, às pessoas que participam da importante iniciativa espiritual e a toda a Fraternidade de Comunhão e Libertação a implorada Bênção Apostólica.

Aproveito a circunstância para confirmar-me com sentimentos de distinto obséquio

Devotadamente seu, no Senhor,
Cardeal Ângelo Sodano, Secretário de Estado

Sexta-feira, 28 de abril, noite

Na entrada e na saída:

Ludwig van Beethoven, Sinfonia n.7 em Lá maior, op. 92

H. von Karajan – Berliner Philharmoniker

“Spirto Gentil”, Deutsche Grammophon (Universal)

■ INTRODUÇÃO

Julián Carrón. Imersos na alegria da Páscoa pela imponência da Sua presença viva, iniciemos os nossos Exercícios da Fraternidade.

Quero iniciar cumprimentando a todos vocês, os que estão presentes aqui em Rímíni e os que estão conectados via satélite nos vários países.

Os Exercícios da Fraternidade neste ano acontecerão em 59 países. Estão conectados via satélite 24 países; neste ano, pela primeira vez, estão conectados diretamente as Ilhas Canárias e a Estônia. Após um ano de ausência, voltam a ficar conectados via satélite a Romênia e a Espanha.

Nas próximas semanas, farão os Exercícios os grupos de Fraternidade de 35 países; este ano os Exercícios acontecerão pela primeira vez também na Malásia.

Quero dirigir uma saudação de coração a cada um de vocês que veio aqui com toda a espera do coração. Peçamos ao Espírito que responda a essa espera cantando todos *Ó vinde, Espírito Criador*.

Ó vinde, Espírito Criador

Vou começar lendo a carta do Secretário de Estado, enviada a mim enquanto Presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação:

“Por meio de prezada carta do dia 6 de abril p.p., e do relativo anexo, o senhor, em nome dessa Fraternidade, informou o Santo Padre a respeito dos Exercícios Espirituais que serão realizados de 28 a 30 de abril de 2006 em Rímíni, e nos quais o senhor irá pregar sobre o tema ‘Vive-se por amor a algo que está acontecendo agora’. Agradecido pelo gesto atencioso e pelos sentimentos manifestados, Sua Santidade faz votos de que esses dias de reflexão e de oração suscitem um empenho renovado de adesão a Cristo e de fidelidade à Igreja, e, enquanto confia à Maria Santíssima o bom êxito do encontro, com afeto concede ao senhor, às pessoas que participarão da importante iniciativa espiritual e a

toda a Fraternidade de Comunhão e Libertação a implorada Bênção Apostólica. Aproveito a circunstância para confirmar-me com sentimentos de distinto obséquio

Devotadamente seu, no Senhor,
Cardeal Ângelo Sodano, Secretário de Estado”

“Todas as vezes que nos reunimos, por que é que o fazemos?”, perguntava-se Dom Giussani anos atrás. “Para arrancar nós mesmos, os amigos, e, se for possível, o mundo inteiro, do nada em que todo homem se encontra”.¹

É o mesmo motivo pelo qual Jesus aproximou-se dos discípulos que voltavam para Emaús desconcertados, perdidos depois de tudo o que tinha acontecido. Também eles tinham começado a escorregar no nada: “Nós esperávamos que ele fosse libertar Israel”.² E Cristo se aproxima deles justamente para retomá-los, e eles percebem que é Ele, que é Ele que os retoma do escorregar no nada exatamente pelo que acontece: “Não estava ardendo o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho?”.³ É a Sua presença, é a Sua companhia que se demonstra vitoriosa, que não teme a decaída dos discípulos, que não teme o desconcerto que eles também sofrem.

Cada um de nós também – assim como os discípulos de Emaús – sabe de que modo o nada nos atinge. De que modo? Qual pode ser essa modalidade? O receio de que, no fundo, no fundo, Cristo não seja capaz de responder à espera do coração. Sim, talvez tenhamos chegado aqui com uma certa espera, mas sem exagerar, um pouco descrentes de que no fundo Ele possa realmente responder, começando também nós a escorregar no nada. Também nós podemos dizer: “Nós também esperávamos, no começo, mas já se passaram tantos anos desde que o encontramos”; e esse cinismo pode começar a abrir caminho em cada um de nós, às vezes quase temos vergonha de confessá-lo. Mas Ele continua a se aproximar de nós, como há dois mil anos se aproximou daqueles discípulos de Emaús.

Uma de vocês me escreve que, depois de ter convidado uma pessoa à sua casa para o almoço, tocada, escreve àquela pessoa: “Caríssimo, lhe agradeço muito pelo almoço de hoje. Fiquei muito comovida do começo ao fim, envergonhando-me também um pouco porque não conseguia parar de chorar. Graças a Deus eram lágrimas que jorravam somente pela presença Dele, pela evidência Dele na sua pessoa, e sendo que nestes dias tenho sempre me perguntado como posso abandonar-me a Ele, reconhecê-Lo com simplicidade a ponto de desejar somente ce-

der, hoje posso dizer não que o entendi, mas que o experimentei olhando pra você. Por isto só posso ser-lhe profundamente grata”.

Tal e qual como há dois mil anos, desafiando todo e qualquer ceticismo, desafiando todo e qualquer cinismo.

O nosso encontro é para permitir que Cristo nos retome do nada no qual cada um de nós está, porque existe Alguém mais poderoso do que o nada.

Nós encontramos o cristianismo por meio de uma pessoa da qual o Papa disse: “Apaixonado pelo homem, porque apaixonado por Cristo”. Nós encontramos um cristianismo, uma experiência cristã que nos permite não ter de esquecer nada, mas nos desafia, nos encoraja a olhar no rosto o eu que é cada um de nós, sem censurar nada, um cristianismo que não tem medo do coração, de olhar no rosto as próprias exigências sem reduzi-las, um cristianismo que não tem medo de nos perguntar: “O que você deseja?”.

Olhe, olhe para o seu coração até aquilo que você não consegue confessar a si mesmo, porque o considera impossível. Olhe de frente tudo isso, e embora todos tenhamos a ferida que nos faz duvidar da realização do nosso coração, uma ferida que às vezes nos faz dizer “desejamos demais; precisamos nos contentar com menos”, o niilismo não vence completamente em nós, não consegue vencer: a prova mais evidente é que estamos aqui.

E por que estamos aqui? Por que cada um de nós está aqui? Por que fizemos todos os sacrifícios que fizemos para chegar aqui? Porque nada pôde cancelar a espera do nosso coração, que o encontro com Cristo despertou em nós.

Estarmos aqui, amigos, é a vitória dessa espera, e esta é a primeira derrota do niilismo. Por isto, o gesto maior, mais adequado a essa espera, mais correspondente a essa espera do coração, é pedir, ousar, desejar tudo quanto o nosso coração deseja, que se exprime no pedido.

O que é que pode nos dar a confiança de pedir desse jeito? Assim como para os discípulos de Emaús, é a Sua presença no nosso meio que nos faz pedir, como eles: “Fica conosco, Senhor, nesta noite”. Peçamos com toda a intensidade do coração: “Fica conosco, Senhor, nesta noite” para realizar a espera do nosso coração. Pois nós, assim como os discípulos de Emaús, precisamos de quê? Precisamos que aconteça agora. Este é o tema dos nossos Exercícios deste ano: “Vive-se por amor a algo que está acontecendo agora”.

Não se vive de renda. Eles também, os discípulos de Emaús, podiam reconhecer que Jesus tinha sido um profeta poderoso em obras e pala-

vas, mas isto não era suficiente, não tinha bastado para impedir que voltassem para casa desconcertados, perdidos. Tiveram necessidade da Sua presença agora, porque se vive “somente” por amor a algo que está acontecendo agora.

Peçamos, amigos, sustentemo-nos nestes dias no pedido de que aconteça agora. *Fac ut ardeat cor meum*, que arda o nosso coração, Cristo, *Fac ut ardeat cor meum, in amando Christum Deum*,⁴ faz com que o nosso coração arda de tal maneira que possamos amar-Te cada vez mais, Cristo. Porque é somente o despertar constante disto, o despertar constante do nosso eu, que nos faz amar Cristo cada vez mais.

Nós participamos não de um rito, mas de um gesto. Os nossos Exercícios são um gesto através do qual Cristo vem ao encontro da nossa humanidade decaída na sua doença mortal. Cristo vem ao nosso encontro neste gesto: tudo está confiado à nossa liberdade, à nossa adesão simples. Por isso todos nós contribuímos para a geração deste gesto com a nossa liberdade. É fácil, basta deixar-se arrastar pela Sua presença no nosso meio, por como somos guiados no gesto.

A participação ao gesto requer, às vezes, tanto sacrifício: dos deslocamentos ao incômodo das transferências, cada um de vocês sabe. Ofereçamos este sacrifício pelo êxito dos nossos Exercícios, para que ninguém vá embora voltando para o nada do qual veio, para que cada um de nós possa ver a vitória de Cristo agora. O sacrifício como um grito, como um pedido, como um pedido feito por pobres coitados como nós.

O silêncio que nos pedimos para a participação no gesto, nos deslocamentos, nos trajetos do hotel à Feira, na entrada do salão, na saída do salão, é para dar espaço à Sua presença para ela demonstrar a Sua vitória.

O cristianismo é fácil, basta ceder à atração que nos trouxe até aqui.

Tenho certeza de que Nossa Senhora e Dom Giussani nos sustentarão neste gesto, neste sacrifício, para que nós possamos participar, assim como eles, da vitória poderosa de Cristo aqui e agora.

SANTA MISSA

HOMILIA DE PADRE PINO

Naquele dia respondeu à necessidade e à espera daqueles homens em medida extraordinariamente superabundante. Erguendo os olhos, viu uma grande multidão que o seguia. Eram então cinco mil, nós somos cinco vezes mais, com as mesmas necessidades, com as mesmas tentações, com um grito ainda maior, porque a história é maior.

Assim como outrora usou do pouco que eles tinham para multiplicar os pães, assim também neste instante usa daquilo que nós somos para o milagre da nossa mudança; usa da nossa liberdade, que é grito, ou então apenas sopro, e pedido, e este pedido é certo, porque esta obra, esta Fraternidade, não vem do homem, vem de Deus, de Deus através do homem.

Sábado, 29 de abril, manhã

Na entrada e na saída:

Wolfgang Amadeus Mozart, Concerto para piano em Ré menor, n. 20, k 466

Clara Haskil, piano

I. Markevitch – Orchestre des Concerts Lamoureux

“Spirto Gentil”, Philips (Universal)

Padre Pino. No tempo da Páscoa, iniciamos o nosso encontro da manhã não com o *Regina Coeli*, mas com o *Ángelus* que é o grito o qual, dia após dia, desperta a nossa consciência para o fato de que somos cristãos não por causa de uma ética, não por causa de uma grande idéia, mas por causa do Acontecimento de um encontro com uma Presença: o anúncio do anjo que desperta em nós a liberdade, o sim como brotou nos lábios de Nossa Senhora que aceita a companhia humana de Cristo para o destino, para o caminho ao destino de cada um de nós.

Ángelus

Laudes

■ PRIMEIRA MEDITAÇÃO

O nosso coração não se perdeu

Julián Carrón. O que é que nós temos de mais caro? “O que nos é mais caro [na nossa vida] é o próprio Cristo, porque Nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade”.⁵ E não acho que eu esteja errado ao interpretar o desejo de todos nós que estamos aqui hoje; o desejo maior que temos é que Cristo se torne cada vez mais caro: para aqueles que participam pela primeira vez, porque têm o pressentimento da beleza de Cristo, e para os mais velhos, para que se cumpra cada vez mais a promessa do encontro.

Mas como pode acontecer o crescimento do amor a Cristo? Somente pela experiência de uma exaltação do humano de cada um de nós, pela experiência de um a mais de humanidade, de plenitude do viver, de intensidade do viver cada instante.

Esta sempre foi a preocupação de Dom Giussani: a razoabilidade da fé. O nosso método – ele dizia – tem um uma finalidade: “Mostrar a pertinência da fé com as exigências da vida”, pois “estou profunda-

mente convencido de que uma fé que não pudesse ser descoberta e encontrada na experiência presente, confirmada por esta, útil para responder às suas exigências, não seria uma fé em condições de resistir num mundo onde tudo, *tudo*, dizia e diz o contrário. [...] Mostrar a pertinência da fé com as exigências da vida [...] quer dizer que a fé corresponde às exigências fundamentais do coração de todo homem [...] exigências fundamentais com as quais o homem – querendo ou não, sabendo ou não – julga tudo, em última instância julga tudo”.⁶

O carisma que nós encontramos – eu lhes dizia na carta que escrevi à Fraternidade – nos fascinará sempre mais apenas se se tornar experiência na nossa vida cotidiana este a mais de humanidade, esta evidência da correspondência de Cristo às exigências do coração: porque foi assim o começo da nossa fé, como nos lembrou o Papa na Encíclica *Deus caritas est*: “No início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande idéia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”.⁷

O encontro, ou seja, o eu de cada um de nós tocado pela presença de Cristo: tocado porque corresponde às exigências do coração, isto é, realiza essas exigências cumprindo-as. Por isso, desde o início, o teste do cristianismo tem sido esse crescimento do eu, esse a mais do nosso eu.

No encontro, amigos, desvela-se o método de cada passo do caminho. Que quer dizer o crescimento do eu, o acontecimento do eu? O despertar do coração, a abertura da razão, o desafio da liberdade e a sua realização, uma capacidade maior de afeição, uma capacidade maior de estar dentro do real com toda a nossa pessoa.

O encontro com Cristo não elimina o senso religioso, pelo contrário, o desperta. Dizia Dom Giussani: é a percepção desse acontecimento de Cristo que ressuscita e potencializa as evidências originárias que constituem o senso religioso, isto é, dá ao eu uma capacidade maior de estar na realidade, de viver intensamente tudo. Por isso é alarmante quando descobrimos que “não estamos” no real.

Um amigo nosso dizia: “Ontem à noite fui encontrar as pessoas da Cometa, em Como”.⁸ Foi como um raio, porque me vi frente a uma realidade que, assim como era, me interpelava. Não interessava nada como eu tinha chegado ali ontem à noite, preocupado com as coisas que devia fazer nos dias seguintes, tomado por um certo cansaço, por certos pensamentos: fiquei arrasado. Foi o impacto com algo absolutamente surpreendente, que eu não imaginava, por mais que outras pessoas me tivessem contado. Enquanto estava ali jantando, perguntei-me: mas eu onde estou quando vou trabalhar, quando volto para casa? Onde estou

eu em relação a estes que vivem uma presença total, absoluta, frente a Cristo, com aquelas crianças que chegam e que são levadas embora um dia sim e um dia não, com uma capacidade de atenção que eu não tenho nem com meus filhos, que apenas fiz nascer juntamente com minha mulher? E me senti ferido e agradecido por essa coisa que vi”.

“Mas eu onde estou?”. Onde está o meu eu quando trabalha, quando se levanta de manhã, quando fica tomado pelas coisas do dia-a-dia? Eu estou presente naquilo que faço? Esta é a face autêntica do niilismo que agarra também a nós: se vê pelo fato de que não estamos presentes naquilo que fazemos. Este fato é um desafio para a nossa fé: Cristo continuará a nos interessar se for capaz de responder à necessidade do eu, à necessidade presente de viver o trabalho, a relação com os filhos, as preocupações que temos. E o discriminante é o presente. Se não vivemos o presente, se Cristo não responde no presente – todos nós sabemos – começam a surgir as dúvidas sobre a capacidade de Cristo de responder à necessidade atual. É verdade que fizemos um encontro, mas não podemos viver de renda.

1. O eu no presente

A dramática situação em que freqüentemente nos encontramos é descrita de forma genial por um dos personagens do romance de Graham Greene, *Fim de caso*. Esse personagem afirma: “Para mim, o presente nunca é agora”.⁹ Terrível! “Para mim, o presente nunca é agora”.

Esta é a característica do mundo moderno, como nos diz Péguy: “O mundo moderno opera um imenso, um total abandono do presente. [...] Para além da imensa barreira de enrijecimento, para além da imensa barreira de represas, o mundo moderno opera um imenso, um total abandono do presente”.¹⁰

A modernidade, que tinha partido com o desejo de retomar o real, desde a realidade total até o eu, até o ponto de afirmar a sua completa autonomia, encontra-se de um jeito que tudo lhe escapa das mãos.

Assim explica Pascal de forma realmente pungente: “Nunca ficamos no tempo presente. [...] antecipamos o futuro como lento demais para chegar, como para apressar o seu curso, ou nos lembramos do passado para fazê-lo parar como demasiado rápido, tão imprudentes que erramos por tempos que não são nossos e não pensamos no único que nos pertence, e tão levianos que pensamos naqueles que nada são e escapamos, sem refletir, do único que subsiste. É que, em geral, o presente nos fere. Escondemo-lo de nossas vistas porque nos aflige e, se

ele nos é agradável, lamentamos que nos escape [...]. Examine cada um os seus pensamentos. Vai encontrá-los a todos ocupados com o passado ou com o futuro. Quase não pensamos no presente, e se nele pensamos é somente para nele buscar a luz para dispormos do futuro. [...] Assim não vivemos nunca, mas esperamos viver e, sempre nos dispondo a ser felizes, é inevitável que nunca o sejamos”.¹¹ Então, nos conformamos, e assim a vida se torna muito mais cansativa para viver.

Esse conformismo, nós o pagamos no cotidiano, como diz Pavese: “A vida do homem se passa lá entre as casas, nos campos. Frente ao fogo e numa cama. E cada dia que desponta coloca à sua frente a mesma fadiga e as mesmas faltas. É um incômodo afinal. Existe uma borrasca que renova os campos - nem a morte, nem as grandes dores desencorajam. Mas a fadiga interminável, o esforço para estar vivos hora após hora, a notícia do mal dos outros, do mal mesquinho, enfadonho como moscas de verão - este é o viver que corta as pernas”.¹² O viver hora após hora corta as pernas.

O único modo que intuímos para escapar do presente é fugir do eu, como descreve Ibsen: “Ó sol adorável, derramaste os teus raios num quarto vazio: o dono da casa estava sempre fora”.¹³ Nós somos o dono da casa, sempre fora dessa casa, a não ser que uma dor lancinante ou um medo terrível, anormal, por um instante nos faça voltar pra dentro.

Mas o que é que se revela no fato de que eu não estou no real, tanto que com dificuldade me suporto e devo fugir da minha casa? Isto acontece conosco, depois do encontro que fizemos, não antes: então, o que é Cristo para nós? Se eu não estou, o que é a presença de Cristo? Do que é que falamos quando falamos de Cristo? Que experiência fazemos daquela Presença? São sonhos?

Se Cristo não me faz estar presente com todo o meu eu, se não me toma e me faz estar presente naquilo que faço, que quer dizer Cristo? É um simples nome, que não consegue arrastar o meu eu. Querendo ou não, amigos, com o passar do tempo não nos interessará mais, não será cada vez mais a coisa mais cara. Por isso, a coisa mais urgente é como Cristo não se torne um simples nome, mas possa se tornar sempre mais real, a ponto de tornar o eu presente no real.

Dom Giussani nos diz que para encarar a pessoa de Jesus é necessária uma humanidade, uma possibilidade de correspondência humana com Ele. Em *Na origem da pretensão cristã* ele escreve: “Ao abordar o tema do cristianismo, nada importa mais do que perguntar-se qual é a situação real do homem. Não seria possível dar-se conta plenamente do que signifique Jesus Cristo sem antes nos darmos conta da natureza da-

quele dinamismo que faz com que o homem seja aquilo que é. Com efeito, Cristo – ele diz – se propõe como resposta àquilo que ‘eu’ sou e apenas uma tomada de consciência atenta, mas também terna e apaixonada, de mim mesmo pode fazer com que eu me escancare e me disponha a reconhecer, a admirar, agradecer, e vivenciar Cristo”. E termina dizendo: “Sem essa consciência [terna, apaixonada de mim mesmo], até mesmo o nome de Jesus Cristo não passa de um simples nome”,¹⁴ e um simples nome não nos faz estar presente no real, não nos toma.

Eu posso reconhecer o que é Cristo se tomo consciência do meu eu. Normalmente nós tendemos a ser dialéticos: se falamos do coração, do eu, parece que deixamos Cristo de fora; e se falamos de Cristo, parece que excluímos o coração.

A força do carisma, com o qual nós encontramos e aprendemos o cristianismo, está no chamado recíproco do eu e de Cristo, em nunca falar de um sem o outro. O fascínio de Dom Giussani era exatamente este: nós o escutávamos falar do eu de uma maneira que só era possível falar porque havia Cristo; falava do eu de um modo que era impossível sem que este eu tivesse sido investido por Cristo; falava de Cristo com toda a intensidade humana do seu eu. Nada de dualismo, nada de simples nome!

Por isso, há alguns anos, Dom Giussani dizia: “Neste momento histórico, no qual uma densa responsabilidade de mudança e de exemplo pesa sobre nós, é preciso que o sujeito cristão esteja bem sólido”. E acrescentava: “O sujeito cristão é sólido quando: 1) *é sólido humanamente*, quer dizer, afirma o próprio coração diante de qualquer coisa; 2) *reconhecendo Cristo*, sem o qual a afirmação do próprio coração se despedaça”.¹⁵

O coração e Cristo. A única possibilidade de que Cristo não se torne um simples nome é este fazer-se presente ao coração do homem como resposta; a única possibilidade para que o coração não se despedace é Cristo.

2. O coração

Todos nos lembramos de como é que começa *Em busca do rosto do homem*: “O supremo obstáculo ao nosso caminho humano é a ‘negligência’ do eu. No contrário dessa negligência, isto é, no interesse pelo próprio eu, está o primeiro passo de um caminho realmente humano. Poderia parecer óbvio que se tenha esse interesse, enquanto na verdade não o é de modo algum: basta ver que grandes rasgos de vazio [isto é,

de não estarmos presentes para nós mesmos] se abrem no tecido cotidiano da nossa consciência e quão grande é a perda de memória”.¹⁶

Mas essa negligência do eu – ele insiste sempre – tem a ver com a fé. O motivo pelo qual as pessoas não crêem mais ou crêem sem crer (isto é, reduzem o crer a uma participação formal, ritual aos gestos, ou a moralismo) é porque não vivem a própria humanidade, não estão empenhadas com a própria humanidade.

Que quer dizer empenhar-se com a própria humanidade? Empenhar-se com o próprio eu assim como ele é, da forma como me foi dado.

O eu é o acontecimento de um coração, ou seja, de uma realidade que você pode descrever nos seus desejos e nas suas exigências, que se referem, se apóiam todos num desejo, numa exigência de fundo que não pode ser realizada, pois quanto mais se aprofunda, tanto mais o desejo aumenta.

O eu humano é um acontecimento que tem como característica própria aquilo que a Bíblia chama coração, um desejo inesgotável de felicidade e de realização. Empenhar-se com a própria humanidade é levar a sério esse coração, esse desejo inesgotável de felicidade e de realização. Bem diferente de uma redução do coração a sentimento! É esse desejo inesgotável, essa desproporção estrutural que nos constitui.

Por que empenhar-se com esse coração? Porque esse coração – Dom Giussani nos diz – é o critério fundamental com o qual nós enfrentamos as coisas, é o critério último para descobrir a verdade do homem, para identificar a verdade.

Esse critério, que é o coração com o qual somos lançados na comparação universal com tudo, possui duas características.

a) É um critério *objetivo*. Leio: “O critério fundamental – fala em *O senso religioso*, primeiro capítulo – para se enfrentar as coisas é o critério objetivo com o qual a natureza lança o homem na comparação universal, dotando-o daquele núcleo de exigências originais, daquela experiência elementar”,¹⁷ isto é, o coração. Nós temos sempre o receio de que o coração seja subjetivo. Não, o coração é esse critério objetivo, e a genialidade de Dom Giussani foi reconhecer isto. Por que objetivo? Porque nos é dado com a nossa natureza; essa desproporção que percebemos dentro de nós, esse desejo inesgotável de felicidade e de realização não somos nós que nos damos, não podemos nós manipular, nós encontramos em nós, gostemos ou não: é objetivo, dado. E a genialidade de Dom Giussani consiste em reconhecer esse critério objetivo dentro do sujeito, mas, ao mesmo tempo, em reconhecer que esse critério não é manipulável pelo sujeito. Esta é a modernidade verdadeira, belís-

sima, de Dom Giussani: afirmar o sujeito, mas dentro do sujeito afirmar um critério dado, objetivo.

b) A segunda característica é que esse critério é *infallível*. Sim, vocês escutaram bem, infalível. Como critério – Dom Giussani diz em *Si può (veramente?!) vivere così?* – as exigências elementares são infalíveis. É tão verdade que esse critério é objetivo e infalível que desvela continuamente a falsidade das imagens que nós temos do coração, pois quanto mais nos empenhamos com o real, seja qual for a imagem que dele façamos, tanto mais a experiência desvela a falsidade das imagens.

Dou um exemplo. Conheço um casal de noivos que está prestes a se casar. Eles começam a se preparar, conversam com uma pessoa amiga e esta pessoa os desafia, principalmente o rapaz: “Preste bem atenção se um corresponde de verdade ao outro”. O rapaz sai dessa primeira conversa com muita raiva, porque diz: “Mas quem lhe deu licença? Fazia anos que esperava ter essa moça: eu a conheci na escola, depois cada um seguiu seu caminho. Agora que nos reencontramos, você nos faz esta pergunta: você está maluca?”. Sem se assustar, no encontro seguinte ele diz isso para sua amiga e ela o olha no rosto e pergunta de novo: “Mas te corresponde ou não? É capaz de realizar esse desejo inesgotável do teu coração?”. “Não”, responde o rapaz. A pessoa pode ficar com raiva o quanto quiser por causa de uma imagem do coração, daquilo que corresponde, mas quando verifica isso na experiência se dá conta de que existe um critério não manipulável que a faz entender que não lhe corresponde.

Uma outra pessoa me escreve: “Durante muito tempo, troquei os desejos pelos sonhos. No começo, percebi claramente que Cristo era a resposta ao desejo do meu coração, mas depois, indo adiante, disse a mim mesma: a isto não pode responder. E assim comecei a calar os meus desejos. Este ano, escutando o chamado sobre o coração, percebi que troquei o desejo do meu coração pelos sonhos e agora me dou conta de que aquilo que estamos nos dizendo despertou o meu coração, desvelando a sua verdadeira natureza de espera”. Nós nos damos conta dessa natureza objetiva e infalível do coração quando nos empenhamos de verdade no real com aquilo que experimentamos, não quando o pensamos fora da experiência. É na experiência que se desvela o coração com essa objetividade e com essa infalibilidade que nos faz sair de qualquer erro.

Normalmente confundimos o coração como *critério* (aquilo de que estou falando), que é infalível (esta desproporção estrutural é infalível, não fui eu que a dei a mim) com o coração como *juízo*, pois muitas ve-

zes o critério pode ser mal aplicado, como – para dar um exemplo banal – uma fórmula matemática para certos tipos de problemas: é verdadeira, mas pode ser mal aplicada. O fato de eu aplicar mal a fórmula não quer dizer que a fórmula seja errada, ou que eu devo introduzir uma dúvida quanto à fórmula: ao contrário, devo aprender a usá-la. O coração é objetivo e infalível como critério, mas é falível como aplicação, como juízo, pode ser mal aplicado. Os erros na aplicação não podem pôr em questão a validade da fórmula. Por isso, sendo que isto é decisivo – diz Dom Giussani – para reconhecer Cristo, a primeira coisa é que tenhamos essa afeição pelo nosso coração, pelo nosso eu, essa ternura por nós mesmos. É uma consciência atenta, terna e apaixonada de mim mesmo, isto é, do meu coração, a coisa que me pode permitir admirar e reconhecer Cristo. Portanto, é essa ternura por mim mesmo que pode me ajudar a reconhecer Cristo.

“O homem - ele dizia – tem de dizer ‘eu’ com um pouco do amor d’Aquele que o criou, porque, se é feito à imagem de Deus, nada há que o torne mais imitador de Deus do que o amor para consigo”.¹⁸ E este amor para consigo não é para com um eu abstrato, mas para com o próprio eu concreto, assim como fomos feitos. O coração é o instrumento fundamental de um caminho humano. Por isso, Dom Giussani, não por acaso introduz isso no início do percurso humano (primeiro capítulo de *O senso religioso*). Não usar o coração como o critério de juízo para tudo, e por isso não julgamos nada, nos leva para a confusão total na qual tantas vezes nos encontramos. Como diz Hannah Arendt: sem julgar, “todos os fatos podem ser mudados e todas as mentiras podem se tornar verdadeiras. [...] A realidade [...] tornou-se um aglomerado de eventos em contínua mudança e de slogan no qual uma coisa pode ser verdadeira hoje e falsa amanhã. [...] Aquilo com que nos deparamos não é tanto o doutrinação, mas a incapacidade ou indisponibilidade para distinguir entre fatos e opiniões”.¹⁹

Sem usar o coração, sem comparar tudo com o coração, acontece esse enfraquecimento do eu, essa anulação da personalidade do eu, que nos deixa cada vez mais frágeis e mais confusos diante de tudo; a vida, que nos é dada para a aventura apaixonante de conhecer sempre mais o significado de tudo, julgando tudo com as exigências do coração, se torna cada vez mais confusa.

“Nós vivemos – diz Finkelkraut – a hora dos *feelings*: não existem mais nem verdades nem mentiras, nem estereótipos, nem invenções, nem beleza, nem feiúra, mas uma paleta infinita de prazeres diferentes e iguais”.²⁰

É o oposto de quem, acostumado a usar o coração como critério de juízo, começa a julgar tudo, como descreve Guardini de forma genial: “Tudo o que é finito, é defeituoso. E o defeito constitui uma decepção para o coração, que deseja ardentemente o absoluto. A decepção se alarga, torna-se o sentimento de um grande vazio, não há nada pelo qual valha a pena existir. Não há nada digno da nossa ocupação”.²¹ Nós sentimos uma insatisfação particularmente violenta por aquilo que é finito e por isso paramos, ficamos assustados com isso, mas este é só o primeiro passo. Prossegue Guardini: “Exatamente o homem melancólico está mais profundamente em relação com a plenitude da existência. [...] O infinito dá testemunho de si, no íntimo do coração. A melancolia é expressão do fato que nós somos criaturas limitadas, mas vivemos porta a porta com [...] o ‘absoluto’; [...] vivemos porta a porta com Deus. Somos chamados por Deus, eleitos para acolhê-lo na nossa existência. A melancolia é o preço do nascimento do eterno no homem. A melancolia é a inquietação do homem que percebe a proximidade do infinito”.²²

Também Kafka reconhecia o critério do coração: um “centro de gravidade”, assim ele o chamava. “Eu também – diz – como qualquer outra pessoa, tenho dentro de mim, desde o nascimento, um centro de gravidade, que nem a educação mais louca consegue deslocar. Eu tenho ainda este centro de gravidade, mas, num certo sentido, não existe mais o corpo relativo”.²³ Mesmo não havendo o corpo relativo, o centro de gravidade existe; percebo que não existe o corpo relativo porque existe o centro de gravidade.

Mas também Kafka, que afirma não existir o corpo relativo a esse centro de gravidade, o deseja. É terrível! Não podemos deixar de continuar a desejar, como ele mesmo afirma nos *Aforismi di Zürau*: “Esta vida nos parece insuportável, uma outra inalcançável. Não nos envergonhamos mais de querer morrer; pedimos para sermos transferidos da antiga cela que odiamos para uma nova, que logo iremos aprender a odiar”.²⁴ É o mecanismo de sempre: mudar a circunstância (de uma cela à outra). Mas também para Kafka, como para todos nós, espera-se que durante a transferência o Senhor passe por acaso no corredor, olhe o prisioneiro no rosto e diga: “Não prendam mais este aqui. Agora ele vem comigo”. Ele gostaria que houvesse o “corpo relativo”: alguém que entre uma cela e outra se aproxima. O corpo relativo a esse centro de gravidade existe.

O coração de João e André “naquele dia havia-se deparado com uma presença que correspondia, inesperada e evidentemente ao desejo de verdade, de beleza, de justiça que constituía a sua humanidade sim-

ples e não-presunçosa. Desde então, mesmo traindo-o e entendendo-o mal mil vezes, não o teriam mais abandonado, tornando-se ‘seus’”.²⁵

Existe o corpo relativo a esse centro de gravidade que constitui o coração, existe. Por que existe? Porque se tornaram para sempre “seus”.

3. Cristo

Como é que reconheceram o corpo relativo ao seu centro de gravidade? “Só podemos reconhecer – dizia há alguns anos o Cardeal Ratzinger – aquilo que provoca em nós uma correspondência”²⁶. Nós podemos reconhecer o que é que corresponde ao nosso coração, o critério último de juízo, se há algo que encontramos na vida que toma todo o nosso coração, de modo que nos tornamos Seus.

Este é o evento. “A verdade está somente – afirma Werfel – na potência de um acontecimento e não nos gritos dos pensadores”.²⁷ A única coisa capaz de tornar-nos presentes a tudo de nós mesmos, agora, é algo que acontece. Esta é a verdade: um evento. Escreve Lévinas: “O Bem [...] se apoderou do sujeito antes que o sujeito tivesse tido tempo - ou seja, a distância - necessário para a escolha. Não existe sujeição mais completa do que este arrepio que o Bem incute de repente: uma escolha, certamente”.²⁸ Um bem que se apodera do sujeito: como a presença de Cristo se apoderou do coração de João e André.

Este é o entrelaçamento entre o eu e Cristo. De um lado, o coração, que impede sucumbir a qualquer redução do cristianismo, redução a ética, a discurso ou a organização porque eles não tomam o eu. De outro lado, Cristo, que não pode ser reduzido a um discurso qualquer ou a um moralismo qualquer, porque eles não nos tornam presentes ao real, não tomam o nosso coração.

Ser agarrados, tornar-se Seus é a verificação constante se Cristo está presente ou não. Porque nós conhecemos Cristo como João e André o conheceram, por esse acontecer de uma correspondência. Quando não reacontece isto, não falamos de Cristo, falamos de outra coisa. Vê-se que nós reconhecemos que Cristo existe pela capacidade do eu de ser totalmente tomado, totalmente presente no real agora, e isto requer uma presença carnal, histórica. Como dizia São Bernardo: “O amor do coração é, num certo sentido, carnal, pois impressiona o coração humano principalmente em relação à carne de Cristo e àquilo que na carne Cristo operou e ordenou. [...] Considero que esta tenha sido a razão principal pela qual Deus invisível quis tornar-se visível na carne e viver como homem com os homens; ou seja, para canalizar primeiro em direção ao

amor salutar da sua carne os afetos de quem não sabia amar a não ser carnalmente, e para conduzi-lo dessa forma, pouco a pouco, ao amor espiritual”.²⁹

É o mesmo que nos recordou o Papa na encíclica: “A verdadeira novidade do Novo Testamento não reside em novas idéias, mas na própria figura de Cristo, que dá carne e sangue aos conceitos - um incrível realismo” e deste modo nos atrai, nos atrai para si, como atraiu João e André. Ele é sempre aquele que doa e nos atrai para o alto em direção a si – diz o Papa – e assim nos tornamos Seus. “Não é só de modo estático que recebemos o *Logos* encarnado, mas ficamos envolvidos [arrastados] na dinâmica da Sua doação”.³⁰

Tomados. Dizia-nos Dom Giussani no bellissimo encarte “Página Um” de Natal: “Sentirmo-nos tomados pelo amor que nos tomou, por Aquele que nos tomou, sentirmo-nos tomados por essa Presença, sentirmo-nos tomados pelo que nos aconteceu, a presença daquilo que aconteceu [...] é *ternura* um milhão de vezes maior, mais aguda, mais penetrante do que o abraço de um homem à sua mulher, de um irmão ao seu irmão”.³¹

Alguém nos aconteceu, nos tomou tão poderosamente a ponto de tomar todo o nosso coração. Se a pessoa não se sente tomada dessa forma, é impossível essa coincidência: permanece uma distância entre o presente e o eu. E se não nos toma, o que é então Cristo, do que falamos quando falamos de Cristo? Parece uma abstração. Mas Dom Giussani nos diz: isto que nos parece uma abstração não é Cristo, porque Cristo é tão potente, tão real, tão fascinante que é mais potente do que o abraço, mil vezes mais potente do que o abraço de um homem à sua mulher.

Um eu com toda a exigência do coração, totalmente tomado pela presença de Cristo; estas coisas não se compreendem raciocinando, mas olhando a experiência. A pessoa se dá conta de que está totalmente presente olhando para a experiência, como quando se apaixona, e fica totalmente bloqueada, tensa, frente ao rosto da pessoa amada, e se dá conta, olhando para aquela experiência, que ela está ali, presente, com todo o seu eu. Por isso, é preciso olhar esta experiência dentro da consciência dessa identidade – diz Dom Giussani – entre mim e ti, de ti comigo, ou melhor, dentro da consciência desse acontecimento que se instalou em mim, deste Tu que és eu. Onde eu estou? Eu estou onde há um Tu assim, onde há um Tu de Cristo tão real a ponto de tomar todo o meu eu.

Esse é o método não só do encontro, mas de cada passo do caminho; portanto, se nós deixamos para trás o coração não podemos reconhecer Cristo, porque o método sempre foi assim: um eu que descobre cons-

tantemente no presente a correspondência de Cristo. O coração não é uma complicação a ser deixada para trás, mas é o recurso para descobrir, para reconhecer Cristo. Não é uma premissa, é o critério para reconhecer aquilo que me corresponde.

“Durante muitos anos – dizia-me uma pessoa – tive medo do meu coração, sentia o meu coração, mas não sabia como tratá-lo, me dava medo. Agora posso olhar alguém que não tem medo do meu coração e posso finalmente tratar-me de forma diferente, sem censurar nem esconder os sentimentos, começando a dizer eu com tudo de mim mesma. Isto não me tira a dificuldade ou o medo, mas posso olhar um caminho já percorrido e certo e que agora é indicado e oferecido à minha liberdade”.

E esta outra: “Parei um instante para lhe escrever a reação ao jantar da outra noite. É uma imensa gratidão, pois embora o trabalho me agrada e tudo tenda a caminhar bem, certas vezes parece que o coração vá explodir frente ao fato de que desejo uma maré de coisas: aprender a ser arquiteta, fazer alguma coisa grande, ficar com o meu namorado. Visto que a vida caminha bem e que – como me observa o meu pai – precisamos ser realistas e práticos, acaba sempre que o entusiasmo inicial se enfraquece, muitas vezes porque eu sou a primeira a considerá-lo ingênuo [Vejam bem: se não corresponde, nós o consideramos ingênuo, depois do encontro feito]. Ficar diante de você e dos seus amigos, que vivem sem reduzir o desejo que impele a fazer as coisas, liberta o coração”.

Um encontro que reacontece no presente, o qual, mesmo que eu o considere ingênuo, liberta de novo o coração. Para nos aproximarmos de Cristo não é preciso um eu com certas características. “Aproximarmos do Mistério requer apenas uma coisa – nos dizia Dom Giussani no texto sobre a Confissão -: a consciência da nossa incapacidade, que é mais que nulidade, da nossa incapacidade fundamental e da nossa contínua traição, da nossa pobreza culpada,, [...] da nossa falta, da nossa incapacidade conivente, do nosso ser nada”.³² Você vai àquele encontro da forma que é capaz, como o cego de Jericó: “Chegaram a Jericó. Jesus saiu da cidade, junto com seus os discípulos e uma grande multidão. O filho de Timeu, Bartimeu, cego e mendigo, estava sentado à beira do caminho. Quando ouviu dizer que Jesus, o Nazareno, estava passando, começou a gritar: ‘Jesus, filho de Davi, tem piedade de mim!’. Muitos o repreendiam para que se calasse. Mas ele gritava mais ainda: ‘Filho de Davi, tem piedade de mim!’. Então Jesus parou e disse: ‘Chamai-o’. Eles o chamaram e disseram: ‘Coragem, levanta-te, Jesus te chama!’. O cego jogou o manto, deu um pulo e foi até Jesus. Então Jesus lhe perguntou: ‘O que queres que eu te faça?’. O cego respondeu: ‘Mestre, que

eu veja!’. Jesus disse: ‘Vai, a tua fé te curou’. No mesmo instante, ele recuperou a vista e seguia Jesus pelo caminho”.³³

É uma beleza que persuade os homens de uma Presença diversa que existe. É esta beleza que nos arranca do nada, é esta beleza que é capaz de arrastar o eu e de torná-lo presente. O Cardeal Ratzinger recordava isso na sua intervenção no Meeting 2002, citando Platão: “A beleza arranca o nosso coração do acomodamento no quotidiano, do decair no nada, do não sermos presentes para nós mesmos”.³⁴ Mas Platão não sabia qual era a beleza, não dava nome ainda à beleza.

Um teólogo bizantino do século XV, Nikolas Kabasilas, dá nome àquela experiência de que falava Platão. Diz: “Homens que têm em si um desejo tão vigoroso que supera a sua natureza, e eles almejam e desejam mais do que ao homem seja consoante a sua natureza aspirar, estes homens foram tocados pelo Esposo mesmo; Ele mesmo enviou aos seus olhos um raio ardente da sua beleza. A amplidão da ferida já revela qual seja a seta e a intensidade do desejo deixa intuir Quem é aquele que arremessou o dardo”.³⁵

Ratzinger comenta: “A beleza fere, mas exatamente assim ela remete o homem ao seu Destino”, desperta o eu, torna-o presente. “O encontro com a beleza [de Cristo] pode se tornar o golpe do dardo que fere a alma e deste modo abre os olhos, tanto que agora a alma, a partir da experiência, tem critérios de juízo”,³⁶ para reconhecer Quem lhe corresponde.

Um cristianismo como beleza não pode evitar ferir constantemente, seja qual for a condição em que nos encontremos, e a ferida reabra. Assim como a pessoa não pode evitar que as montanhas sejam belas, do mesmo modo nenhum poder deste mundo pode evitar que as montanhas sejam belas; por isso nenhum poder deste mundo pode derrotar o cristianismo: este reabrirá sempre em cada um de nós a ferida, nos retomará continuamente. É esta a nossa esperança: é assim que Cristo será cada vez mais caro.

“Toma a minha alma – dizia Jean Leclerc – e impregna-a da Tua presença”.³⁷

SANTA MISSA

SAUDAÇÃO INICIAL DE SUA EXCELÊNCIA DOM STANISLAW RYLKO
PRESIDENTE DO PONTIFÍCIO CONSELHO PARA OS LEIGOS

Caros amigos, uma cordial saudação a todos vocês que chegaram tão numerosos para o encontro anual dos Exercícios espirituais da Fraternidade. Olhando para vocês, o meu pensamento se dirige a todo o povo do movimento de Comunhão e Libertação espalhado agora em setenta países dos cinco continentes e que nestes dias se reúne idealmente para este tempo forte de recolhimento, de oração, de meditação: um encontro intenso com o Senhor que alenta o espírito, regenera as forças, recarrega de sentido a nossa caminhada. Saúdo padre Julián Carrón ao qual sou profundamente agradecido pelo dom da sua amizade e pela generosa disponibilidade em colaborar com o Pontifício Conselho para os Leigos. E saúdo o professor Giorgio Feliciani, vice-presidente da Fraternidade e consultor fiel do Conselho para os Leigos, que há muitos anos se vale da sua preciosa competência.

Caros amigos, alegre com o convite para presidir esta celebração eucarística, a minha presença entre vocês quer ser sinal do profundo vínculo que através do Órgão que tenho a honra de presidir, une vocês à Sede de Pedro, e quer ser expressão daquela afetuosa paternidade dos pastores da Igreja – como muitas vezes me dizia Dom Giussani em relação ao movimento.

São João escreve, como ouviremos daqui a pouco: “Se dissermos que não temos pecado, estamos-nos enganando a nós mesmos, e a verdade não está dentro de nós” (1Jo 1,8). Iniciemos, portanto, a nossa celebração colocando-nos na presença de Deus na verdade e reconhecendo os nossos próprios pecados. Neste espírito de arrependimento e de humildade digamos juntos: *Confesso a Deus Todo Poderoso...*

HOMILIA

1. Queridos amigos, quem faz exercícios espirituais entra num tempo diferente do normal – um tempo sagrado, cheio da presença e de uma particular aproximação de Deus. Os exercícios espirituais são um verdadeiro *kairós*, o tempo da passagem do Senhor que vem para encontrar cada um de nós pessoalmente. São o tempo no qual Cristo fala ao nosso coração, de modo sempre novo e sempre mais profundo, das coisas mais importantes para a nossa vida.

Para este encontro com o Senhor cada um de nós chega com o peso de tantos problemas e de interrogações que nos deixam inquietos, porque sozinhos não conseguimos responder a eles. Particularmente um é o objeto da meditação de vocês nestes dias: “Onde está a vida que perdemos vivendo?”. Esta pergunta, que Eliot formulou com genial incisividade, repropõe-se com urgência no nosso mundo dramática e descuidadamente superficial, distraído, confuso. “Onde está a nossa vida?”, “Onde está a minha vida?”.

Queridos amigos, hoje é necessário vigiar para não sermos defraudados da nossa própria vida; para não deixar a nossa própria identidade, a nossa própria consciência, a nossa própria liberdade à mercê de uma cultura laicista e laicizante, de ideologias de cunho variado, do ditado das modas, dos *fazedores de opinião* do momento. O risco é real e devemos ser conscientes disso. Os exercícios espirituais, então, são também o tempo para retomar nas mãos as rédeas da própria vida, para corrigir se necessário a rota e para renovar o compromisso de assumir a responsabilidade das próprias escolhas frente a Deus. Porque é ele que verdadeiramente garante a nossa subjetividade, a nossa liberdade, uma vida plenamente realizada e feliz.

A necessidade de luz que cada um de nós traz para o encontro dos exercícios espirituais – necessidade de luz verdadeira capaz de varrer todas as trevas da nossa existência -, é confortada pela segura certeza que São João nos deu na primeira leitura: “Deus é luz e nele não há trevas [...] se andamos na luz, [...] estamos em comunhão uns com os outros” (*1Jo* 1,5-7). Os cristãos são chamados a viver no abraço dessa luz, porém não como seres solitários e isolados, mas sim em comunhão com os outros, como povo, como Igreja. No tempo dos exercícios espirituais o Senhor nos convida, portanto, a deixar penetrar com a luz da sua palavra e do seu amor cada âmbito da nossa existência, cada mínimo intervalo, até os mais escondidos e profundos. E nos convida a uma comunhão mais profunda com ele e com os irmãos. Deus é luz. É esta a luz que nos transforma e nos faz renascer realmente, a luz pela qual podemos encontrar a vida “que perdemos vivendo”. Um milagre que acontece no sacramento: na Reconciliação e na Eucaristia.

2. Se andarmos realmente na luz – escreve São João -, estamos em comunhão uns com os outros. Todos nós temos necessidade dessa companhia e temos especial necessidade da companhia dos santos, mestres de vida dos quais aprender muitas coisas. Justamente hoje a Igreja celebra a festa de Santa Catarina de Sena, doutora da Igreja e padroeira da

Itália. Humilde dominicana da Ordem Terceira, Catarina incidiu não só sobre a vida do seu país, mas sobre a vida da Igreja numa época de escuridão também para o papado. Ponto de referência e consciência crítica para os pontífices e para os grandes da sua época, vigorosamente presente nos acontecimentos do mundo e da Igreja, Catarina foi uma grande contemplativa que Deus introduziu nos abismos do seu mistério! Escreve sobre sua íntima experiência do Mistério: “Tu, Trindade eterna, és como um mar profundo, no qual quanto mais procuro mais encontro; e quanto mais encontro, mais cresce a sede de buscar-te. Tu és insaciável; e a alma saciando-se no teu abismo, não se sacia, porque permanece na fome de ti, sempre mais te deseja, ó Trindade eterna, desejando ver-te com a luz da tua luz. Eu experimentei e vi com a luz do intelecto na tua luz o teu abismo, ó Trindade eterna” (*Diálogo da Divina Providência*). Um extraordinário comentário místico às palavras de João: “Deus é luz e nele não há trevas” (*1Jo 1,5*). Como as virgens sábias da parábola evangélica, Catarina é repleta da sabedoria que vem do Alto e pode ensinar muito a nós homens e mulheres do século XXI, aflitos por um ativismo deletério pelo qual pensamos viver intensamente e, pelo contrário, perdemos a vida. A todos nós, esta santa indica na contemplação uma dimensão indispensável à vida do batizado. A sensibilidade pelo efêmero, típica da nossa época e das nossas sociedades, contagia também os cristãos e muitas vezes esquecemos que existe um só modo para “não perder a vida vivendo”, para não permitir que nos privem daquilo que somos: viver fortemente ancorados em Deus, enraizados nele como os ramos nas videiras, isto é, viver como verdadeiros contemplativos. Está hoje difundida uma concepção da contemplação que a identifica erroneamente com uma fuga da realidade. Não é assim. É verdade o contrário: a contemplação do Mistério é luz que ilumina as trevas e faz ver mais e melhor; este é portanto o caminho para se reencontrar como criaturas, como pessoas, como filhos de Deus, o caminho para reencontrar a própria vida. “Prestai-lhe homenagem: é vosso Senhor” (*Sl 45[44],12*), repetimos no salmo responsorial. O homem nunca é tão ele mesmo e nunca é tão grande como quando presta homenagem em contemplação frente ao mistério fascinante Deus. Porque é exatamente esse gesto curvar-se que exalta a sua dignidade, que o torna sujeito verdadeiro das suas ações, que o torna de verdade presente lá onde pulsa a vida do mundo. Um dado de fato que experimento toda vez que visito o mosteiro das Trapistas de Vitorchiano, mergulhadas na oração contemplativa e extraordinariamente presentes no coração da vida do mundo e da Igreja. Os exercícios espirituais são uma oportunidade privilegiada para redescobrir na con-

templação uma dimensão de sustento da nossa vida cristã. A contemplação não é algo a mais facultativo ou acessório, mas gesto necessário para todo cristão: leigo, sacerdote ou religioso, que seja. Todos somos chamados a nos tornar “contemplativos em ação”! Queridos amigos, o ancoradouro no mistério de Deus, vocês que estão aqui hoje o encontraram no movimento. Um encontro por meio do qual entenderam que mergulhar em Cristo é o caminho para crescer em humanidade, para “ser mais”, para ser cristãos mais presentes e presentes de maneira nova na vida da Igreja e no mundo, para reencontrar a vida que sempre arriscamos de perder. Por ocasião dos Exercícios Espirituais, portanto, como não agradecer ao Senhor por esse importante pertencer que mudou de verdade a vida de cada um e de cada uma de vocês?

3. Concluo com um breve aceno ao acontecimento eclesial que nos aguarda em Roma na vigília de Pentecostes: o encontro do Santo Padre com os movimentos eclesiais e as novas comunidades. Assim como o servo de Deus João Paulo II, o papa Bento XVI tem grande afeição por essas novas realidades surgidas na Igreja e, no seu programa pastoral para a Igreja, reserva amplo espaço para o grande sinal de esperança que representam os carismas que o Espírito Santo de forma tão generosa concede à Igreja dos nossos tempos. No próximo dia 3 de junho, movimentos eclesiais e novas comunidades estão convidados a dar um testemunho comum do seu amor pela Igreja e da sua fidelidade à sua missão no mundo. O Papa deseja encontrá-los e será uma nova e preciosa ocasião para escutar a sua palavra magisterial, sempre incisiva e penetrante. É um encontro importante ao qual não podemos faltar. Obrigado pela generosa colaboração da Fraternidade em preparação a esse evento e até lá na Praça São Pedro!

ANTES DA BÊNÇÃO FINAL

Carrón. Quero agradecer em nome de todos vocês à Sua Excelência Dom Rylko, antes de mais nada pelo renovar-se e fortificar-se da Sua paternidade para com a experiência do nosso movimento, não só em virtude do Seu ministério, mas por uma verdadeira amizade.

Queremos também agradecer-lhe por ter sustentado o Santo Padre Bento na decisão de convocar-nos a Roma no próximo dia 3 de junho: que isto nos ajude a uma consciência sempre mais viva do pertencer a Cristo e à Igreja na fidelidade ao carisma de Dom Giussani.

Obrigado!

Dom Rylko. Que estes Exercícios Espirituais tragam muitos frutos para a vida de cada um e de cada uma de vocês.

E obrigado ainda por esse belíssimo testemunho de fé que vocês estão dando aqui em Rímini nestes dias. É um grande sinal de esperança para todos vocês, mas não só, para toda a Igreja.

Renovo ainda uma cordial saudação àqueles que nos acompanham via satélite, essas tecnologias modernas que tornam presente na nossa época esse grande milagre de Pentecostes, dessa presença do Senhor espalhada no nosso meio.

Mais uma vez obrigado e até lá na Praça São Pedro!

Sábado, 29 de abril, tarde

Na entrada e na saída:

Antonín Dvořák, Trio n.4 em Mi menor, op. 90 “Dumky”

Trio de Praga

“Spirto Gentil” (Universal)

Julían Carrón. Agradecemos ao Patriarca de Veneza, Sua Eminência Dom Ângelo Scola, a mensagem que nos enviou:

“Caríssimos, ‘Vive-se por amor a algo que está acontecendo agora’. Esta profunda afirmação do sempre mais querido Monsenhor Luigi Giussani abre o coração e a mente para a mudança. O que está acontecendo agora, de fato, na companhia dos seguidores d’Aquele que morreu e ressuscitou por nós, é a objetividade da Sua presença que nos assegura a realização. O amor se faz assim mandamento, porque - como nos recordou o Santo Padre na *Deus caritas est* - Jesus se doa a nós como misericórdia viva e pessoal.

Na fé e nos sacramentos da Igreja renova-se também este ano por ocasião dos Exercícios o milagre da ressurreição do nosso eu para o bem de cada irmão homem.

Que a Virgem Santa acompanhe a liberdade de cada um rumo àquele humilde sim ao seu filho Jesus, do qual jorra, sempre renovado, o fascínio da aventura cristã.

No Senhor, vos saúdo e vos abençôo. Cardeal Ângelo Scola”.

Saúdo também por sua participação os bispos aqui presentes. Saúdo Sua Excelência D. Gianni Danzi, Arcebispo de Loreto; Sua Excelência D. Luigi Negri, Bispo de San Marino-Montefeltro; Sua Excelência D. Giancarlo Vecerrica, Bispo de Fabriano-Matelica; Sua Excelência D. Domenico Graziani, Bispo de Cassano all’Jonio; Sua Excelência D. Piergiorgio Debernardi, Bispo de Pinerolo; o Reverendo Padre Massimo Cenci, Subsecretário da Congregação para a Evangelização dos Povos.

■ SEGUNDA MEDITAÇÃO

A potência da Sua ressurreição (Fl 3,10)

Só existe uma possibilidade para que aquilo que acabamos de cantar – “Meu coração não se perdeu”³⁸ – seja verdadeiro: é necessário Al-

guém presente, que corresponda de modo inesgotável ao nosso coração. Não qualquer um: Alguém que nos corresponda. Do contrário, como acontece normalmente na vida, algo nos toma e depois, com o passar do tempo, decepciona e, no fim, o nosso coração se perde. Não qualquer um, Alguém que corresponde, isto é, Cristo. Mas Alguém que corresponde no presente, agora. Por isso São Paulo tem razão: “Se Cristo não ressuscitou, vã é a nossa fé”.³⁹ Mas Ele ressuscitou: “Estarei convosco todos os dias, até o fim do mundo”.⁴⁰ Esta é a possibilidade da realização do nosso coração.

1. A ressurreição de Cristo

É o que aconteceu por primeiro no homem Jesus, como nos explicou o papa Bento na Vigília Pascal. “Não está aqui: ressuscitou”. Esta afirmação do Evangelho nos anuncia que Cristo não ficou no sepulcro, o Seu corpo não viu a corrupção, pertence ao mundo dos vivos. Mas depois o Papa explica: “Em que consiste propriamente o ‘ressuscitar’? Que significado tem para nós?”. Não significa somente a reanimação de um cadáver. “A ressurreição de Cristo é exatamente algo mais, é uma realidade diversa. É – se nos é permitido por uma vez usar [diz o Papa] a linguagem da teoria da evolução – a maior ‘mutação’, em absoluto o salto mais decisivo para uma dimensão totalmente nova, [...] um salto para uma ordem completamente nova, que tem a ver conosco e diz respeito a toda a história”.⁴¹

Mas que coisa, continua a se perguntar o Papa, aconteceu com Jesus? “Jesus não está mais no sepulcro, está numa vida inteiramente nova. Mas, como foi possível acontecer isso? [...] Decisivo é o fato de que este homem Jesus não estava só, não era um Eu fechado em si mesmo. Ele era um só com o Deus vivo, unido de tal modo a Ele que formava com Ele uma única pessoa. [...] A Sua própria vida não era apenas dEle, mas era uma comunhão existencial com Deus e um ser inserido em Deus, e por isso não podia realmente ser-Lhe tirada. [Porque] a sua comunhão existencial com Deus era, em concreto, uma comunhão existencial com o amor de Deus, e este amor [ao qual Jesus se abandona] é a verdadeira força contra a morte, é mais forte do que a morte. [Por isso] a ressurreição – conclui o Papa - inaugurou uma nova dimensão do ser, da vida, na qual de modo transformado, se integrou também a matéria, e por meio da qual surge um mundo novo”.⁴²

O homem Jesus, que tinha se abandonado totalmente ao amor do Pai, viu como esse amor, quando um homem deixa espaço à força do

amor de Deus, transforma todo o eu; a Sua comunhão com o Pai permitiu a Jesus a vitória sobre a morte: uma vez que se confiou totalmente ao amor de Deus, pôde ver a força desse amor, e por isso Jesus, Jesus ressuscitado, Jesus Cristo ressuscitado pode se tornar companheiro de cada um de nós a cada instante da nossa vida. Não estamos mais sozinhos com o nosso nada, com a nossa fragilidade, com a nossa exigência do coração: somos acompanhados por Alguém que está vivo agora.

Os primeiros que fizeram a experiência do que queria dizer a Sua ressurreição foram os discípulos. Os Evangelhos não têm medo algum em apresentá-los tais como eram depois da morte de Jesus: perdidos (diz o Evangelho de Mateus: “todos os discípulos, abandonando Jesus, fugiram”)⁴³, amedrontados (“Estavam fechadas, por medo dos judeus, as portas do lugar onde se encontravam”);⁴⁴ as mulheres “em tremor e fora de si, saíram e fugiram do túmulo [...] pois estavam com temor”;⁴⁵ os apóstolos estavam perturbados e cheios de dúvidas – “Por que estais preocupados, e por que tendes dúvidas no coração?”⁴⁶ - até o ponto que Jesus é obrigado a repreendê-los pela sua incredulidade; os discípulos de Emaús decepcionados (“Nós esperávamos que ele fosse libertar Israel”).⁴⁷

O discriminante, de novo, é o presente. Não tinha bastado tudo quanto tinham visto, não bastavam todos os milagres para que não estivessem assustados, perdidos e decepcionados: a morte de Jesus os transtornou de tal maneira que destruiu as suas esperanças. O “nós esperávamos” ficaria para sempre como um epitáfio da aventura deles com Jesus. Uma lembrança das coisas feitas no passado não bastava para torná-lo presente agora. E se o presente não é potente agora, o passado começa a distanciar-se e tem início a saudade.

Mas é confortante ler os Evangelhos da ressurreição, porque Jesus não se assusta com essa fragilidade dos discípulos (de um lado, era normal: não era todo dia que eles viam um morto vivo), se aproxima deles e deve dar-lhes o tempo e os sinais para atrair toda a sua afeição.

É impressionante a ternura de Cristo para com cada um deles: “Vem aqui, Tomé, vem aqui; põe o teu dedo aqui e olha as minhas mãos. Estende a tua mão e coloca-a no meu lado”.⁴⁸ A Maria, que chora: “‘Mulher, por que choras? A quem procuras?’. Pensando que era o jardineiro, Maria disse: ‘Senhor, se foste tu que o levaste, dize-me onde o colocaste, e eu o irei buscar’. Então Jesus disse: ‘Maria!’ Ela voltou-se e exclamou em hebraico: ‘Rabuni!’”.⁴⁹ Num instante Maria fica totalmente presente agora, como nunca antes. A Simão, todo tomado pelo erro da traição, dirige uma pergunta que o desarma: “Simão, tu me amas?”⁵⁰

Todos podemos imaginar a surpresa desconcertante de Pedro. Não estão sozinhos com seus medos, os choros e os erros. Com o paciente repetir-se das aparições, da Sua presença viva, Jesus permite aos apóstolos que cheguem ao reconhecimento: “É o Senhor!”,⁵¹ dizem cheios de maravilha quando o vêem da barca na margem. E depois de terem comido alguma coisa com Ele, comenta o Evangelho de S. João: “Nenhum dos discípulos se atrevia a perguntar quem era ele, pois sabiam que era o Senhor”.⁵² Cristo vivo nos retoma seja qual for a nossa situação, sem se assustar com nada.

“É o Senhor!”. ‘Cristo ressuscitou’ – lemos no comentário de Dom Giussani sobre a ressurreição publicado em *Passos* – é um juízo, [...] um ato do intelecto que rompe o horizonte normal da racionalidade e agarra e testemunha uma Presença que ultrapassa por todos os lados o horizonte do gesto humano, da existência humana e da história. Esse juízo é dado pela nossa inteligência pobre, a inteligência original, a inteligência que por sua natureza é afirmação da positividade do real que vier a aparecer à sua frente, que vier a se propor a ela; é afirmação amorosa da realidade”⁵³ que os discípulos têm na frente.

“Ressuscitou” é um juízo, não um sentimento, não um estado de espírito que amanhã desaparece: ressuscitou, existe, para sempre! “A fé é a inteligência humana que supera a si mesma. E tudo isso é apenas graça, esse crer como afirmação de uma inteligência sustentada pela amorosidade pelo real [isto é, pela Sua presença], por uma afetividade aberta [...] ao que realmente existe, ao que realmente ‘é’”.⁵⁴

E para os discípulos, o que vem a ser aquilo que realmente é? O que eles tinham diante de si com aquela presença mais forte do que a morte? O que pode ser “mais” ser do que uma pessoa viva, que eles tinham colocado no sepulcro? Por isso “é impossível – diz o Catecismo da Igreja Católica – interpretar a ressurreição de Cristo fora da ordem física e não reconhecê-la como um fato histórico. Os fatos mostram que a fé dos discípulos foi submetida à prova radical da paixão e morte na cruz de seu Mestre [...]. O abalo provocado pela Paixão foi tão grande que os discípulos [...] não creram de imediato na notícia da ressurreição. Longe de nos falar de uma comunidade tomada de exaltação mística, os Evangelhos nos apresentam os discípulos abatidos [ou tristes, ou decepcionados]. Mesmo confrontados com a realidade de Jesus ressuscitado, os discípulos [permanecem perplexos ou, como Tomé] ainda duvidam. [...] Por isso – conclui o Catecismo – a hipótese segundo a qual a ressurreição teria sido um ‘produto’ da fé (ou da credulidade) dos apóstolos carece de consistência. Muito pelo contrário, a fé que ti-

nham na ressurreição nasceu – sob a ação da graça divina – da experiência direta da realidade de Jesus ressuscitado”.⁵⁵

Para retomá-los não basta uma devota lembrança, nem um ensinamento, nem os milagres do passado, nem uma organização: nenhuma dessas razões bastaria para explicar aquela fé, aquela retomada dos apóstolos. Foi Ele com a Sua imponentia que retomou cada um de sua situação, como que dizendo a cada um de nós: “Não tenham medo, amigos: seja qual for a situação em que a pessoa se encontre, eu posso retomá-la se ela se abandonar, se se deixar tomar pela minha presença”. Mas nós somos frágeis e esta afirmação amorosa do real com que fomos criados, aquela afetividade aberta ao que vale, ao real verdadeiro, como existe na criança, pela nossa fragilidade se corrompe, apodrece, se enche de vermes, desfoca e se esvai.

Por isso a Igreja, que nos traz a mensagem de Cristo ressuscitado, que torna Cristo ressuscitado presente para nós aqui e agora, reza assim: “Velai, ó Deus, sobre a vossa família, com incansável amor; e [...] guardai-nos sob a vossa proteção”.⁵⁶ É preciso pedir. O coração é exigência, isto é, desejo; a verdade do desejo consiste só em se tornar pedido ao Senhor para que sustente a nossa fragilidade no reconhecimento daquilo que é, na adesão à Sua presença presente, pedido para reconhecer Cristo, pois não existe mais realidade sem Cristo. Nós estamos imersos no grande mistério da ressurreição de Cristo.

2. O Batismo

“Como pode este acontecimento chegar efetivamente até mim?”, pergunta-se novamente o Papa na Vigília Pascal. “É claro que este acontecimento não é um milagre qualquer do passado [...] é um salto de qualidade na história da ‘evolução’ [...] para um mundo novo que, a começar de Cristo, incessantemente penetra já neste nosso mundo, o transforma e o atrai a si. Mas como se verifica isto? Como pode este acontecimento chegar efetivamente até mim e atrair a minha vida para si e para o alto? A resposta, à primeira vista talvez surpreendente, mas totalmente real, é: tal acontecimento chega até mim por meio da fé e do Batismo. [...] O Batismo significa precisamente isto: que não está em questão um fato do passado, mas que um salto de qualidade da história universal chega até mim envolvendo-me para me atrair”.⁵⁷ Vejam que expressão utiliza o Papa: “envolvendo-me para me atrair”. “O Batismo é algo muito diverso de um ato de socialização eclesial, de um rito um pouco fora de moda e complicado para acolher as pessoas na Igreja. É

também mais do que uma simples lavagem, do que uma espécie de purificação e embelezamento da alma. É [...] renascimento, transformação em uma vida nova. Como podemos compreendê-lo?”. O Papa continua a introduzir-nos neste mistério.

“Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim”.⁵⁸ Esta é a explicação daquilo que acontece no Batismo: “Vivo, mas já não sou eu. O próprio eu, a identidade essencial do homem, [...] foi modificada”. O eu de São Paulo existe ainda e não existe mais, “atravessou um ‘não’ e encontra-se continuamente neste ‘não’: Eu, mas já ‘não’ mais eu. [...] Esta frase é a expressão do que aconteceu no Batismo. O meu próprio eu me é tirado e inserido em um novo sujeito maior. Tenho de novo o meu eu, mas agora transformado, trabalhado, aberto por meio da inserção no Outro, no qual adquire o seu novo espaço de existência”.⁵⁹

Como vocês vêem, o que diz o Papa é o mesmo que nos recordou Dom Giussani: “Alguém nos aconteceu”,⁶⁰ nos foi dado, tão dado a ponto de inserir-se na carne e nos ossos, na alma. “Vivo, mas já não sou eu, é este que vive em mim”. Alguém se instalou em mim: Tu, Tu, Cristo, que és eu. Esta é a mudança a respeito da qual lemos na Escola de Comunidade: um eu, mas mais do que um eu, uma exaltação ontológica do eu. Dom Giussani utiliza a mesma expressão do Papa: “Um salto de qualidade na participação no Ser”.⁶¹ Esta é a mudança verdadeira acontecida no Batismo, que faz do eu uma criatura nova. Se alguém está em Cristo é uma nova criatura. Portanto, aquilo que conta não é a circuncisão ou a não circuncisão, mas o ser nova criatura, viver cada instante da vida com a consciência deste Tu que se instalou em mim.

3. A Igreja

E assim, aqueles que foram agarrados por Cristo no Batismo, formam uma só coisa. Prossegue o Papa: “Mas o que é feito então de nós? Vocês se tornaram um em Cristo - responde Paulo (*Gl* 3,28). Não uma coisa só, mas um, um único, um único sujeito novo. [Não estamos sozinhos, não existe um sujeito isolado, o cristão não é um sujeito isolado, não existe!]. Esta libertação do nosso eu do seu isolamento, este encontrar-se em um novo sujeito é encontrar-se na imensidão de Deus e ter sido arrebatado para uma vida [nova]. A grande explosão da ressurreição nos agarrou no Batismo para nos atrair. Deste modo, ficamos associados a uma nova dimensão da vida, na qual nos encontramos já de algum modo inseridos. Viver a própria vida como um contínuo entrar neste espaço aberto: tal é o significado do ser batizado, do ser cristão. [...] A

ressurreição alcançou-nos e agarrou-nos”⁶² para nos tornar presentes agora nEle.

Isto nada mais é que a tradição da Igreja. Como dizia São Cipriano, “sendo que Aquele que habita em nós é único, em toda parte ele enlaça e junta aqueles que são Seus com o laço da unidade”.⁶³ Não estamos sós! Fomos agarrados, inseridos no Seu corpo. A Igreja, assim, é o instrumento, é a modalidade com a qual Deus se torna companhia para nós e “Cristo fica permanentemente – disse ainda o Papa na Quinta-Feira Santa – contemporâneo a nós no corpo da Sua Igreja”.⁶⁴

Para nos reanimar, não basta a lembrança, como diz Lewis recordando a sua mulher morta em *Diário de uma dor*: não basta a lembrança, devo pensar mais em minha mulher e menos em mim mesmo. “Eu penso nela quase sempre. Penso nas coisas que eram ela: nas suas palavras, nos olhares, nas risadas, nos gestos. Mas quem as escolhe e as coloca juntas é a minha mente. Não passou sequer um mês da sua morte e já sinto o lento e insidioso começo de um processo que fará de H., em quem penso, uma mulher cada vez mais imaginária. Baseada nos fatos, certamente: não colocarei (assim espero, pelo menos) nada de inventado. Mas a composição não se tornará inevitavelmente sempre mais coisa minha? Não existe mais a realidade para me frear, para me deter abruptamente, como fazia tantas vezes a verdadeira H., e de maneiras tão inesperadas, com o seu ser totalmente ela e não eu. O dom mais precioso que eu tive com o matrimônio foi este contínuo impacto com algo de muito próximo e íntimo, e entretanto sempre e inconfundivelmente outro coisa, resistente numa palavra, real”.⁶⁵

Se não é assim, se Cristo não é real, através do corpo da Sua Igreja, se torna cada vez mais uma imaginação nossa.

Não basta uma lembrança, é necessária uma presença carnal, histórica, irreduzível, que constantemente – como diz o Papa – me agarra e me atrai. Por isto a Igreja, dizia São Gregório de Nissa, “é corpo de Cristo, e Cristo é a cabeça do corpo, o qual delinea o rosto da Igreja com o seu caráter, os amigos do Esposo, fixando o seu olhar nesta realidade [da Igreja], tornam-se mais capazes de compreender: com efeito, por meio da Igreja, podem ver com mais transparência o próprio Esposo que, por sua natureza, é invisível ao seu olhar”.⁶⁶

É a Igreja o rosto no qual o próprio Esposo transparece. Como nos disse também o Papa na encíclica: “Também na sucessiva história da Igreja, o Senhor não esteve ausente: incessantemente vem ao nosso encontro por meio de homens nos quais Ele Se revela; por meio de sua Palavra, nos Sacramentos, especialmente na Eucaristia”.⁶⁷

Este lugar carnal, histórico, que é a Igreja nos alcança por meio do Movimento, por meio da nossa Fraternidade, que tem como objetivo testemunhar a presença de Cristo, alcançar cada um de nós, no seu particular, para despertar continuamente o coração, para tornar presente Cristo, para impelir à Sua memória.

4. A memória

O sujeito novo, a criatura nova é quem vive da memória de Cristo, de Alguém que se instalou em nós, que cada vez mais define o nosso próprio eu, que se torna a autoconsciência do eu, como o tu da pessoa amada se torna o conteúdo da autoconsciência do eu. Um Tu que se instalou em mim. Esta é a novidade trazida pelo Batismo, nos fala ainda Dom Giussani: “o nosso eu lentamente se confunde sempre mais com Cristo. Dizer: ‘eu’ significa sempre mais dizer ‘Tu’, ‘Tu, ó Cristo’ [...]. A identidade entre nós e Cristo, isto é a vida como memória”.⁶⁸ Viver a memória é viver a presença de Alguém que me agarrou no Batismo, que se instalou em mim, que se tornou sempre mais existencialmente presente por freqüentar uma companhia que o torna familiar a mim porque é uma companhia, a da Igreja, irreduzível a qualquer redução. Por isso podemos dizer agora com toda a consciência: “Vive-se por amor a alguma coisa que está acontecendo agora”, por amor a Alguém que está acontecendo agora. Somente Alguém que acontece agora pode atrair toda a minha vida, todo o meu coração, todo o meu amor a Ele. É isto que enche a vida de silêncio.

5. A moralidade

A moralidade não é acrescentar alguma coisa a isto, mas é o reconhecimento deste Tu, é ceder à atração vencedora deste Tu presente aqui e agora, ao impor-se da Sua presença. E – como diz São Gregório de Nissa – a pessoa, olhando isto, “recebe a semelhança daquela coisa na qual fixa o seu olhar”.⁶⁹

Fixando o nosso olhar nEle, nos tornamos como Ele.

Disse genialmente Mario Luzi: “Esta é a plenitude cristã do destino: / estar prontos ao evento, deixar que a sua força nos atravessasse / para que possamos ser replasmados e refundidos”.⁷⁰

A verdadeira imoralidade não é a incoerência, mas a impenetrabilidade, descrita por Werfel: “Nunca na minha vida como naquela hora tive tão clara consciência da impenetrabilidade dos homens, mas eu não

a sentia como um dado da vida ao qual precisa se adaptar, antes como uma coisa má, contrária a Deus, como o obstáculo de todo amor, como a origem demoníaca de todo desespero”.⁷¹ A impenetrabilidade é a origem demoníaca de todo desespero, porque nem mesmo o pecado pode ser um alibi a Alguém que se aproxima do nosso eu, seja o que for que tenha feito, e lhe pergunta: “Tu me amas?”. Alguém que se deixa arrebatado só pode dizer como Pedro: “Tu sabes tudo, tu sabes tudo Cristo; tu sabes que te amo, toda a minha simpatia humana é por ti, Cristo”.⁷² Então tudo se apóia num Outro: “Tu sabes tudo”, não possuo nada em que me apoiar, todo o meu eu se apóia em Cristo.

6. Viver intensamente o real

Esta afeição a Cristo que arrebatava todo o eu, nos permite viver intensamente o real, ser tudo, com tudo de mim mesmo, agora. A presença de Jesus que se tornou dominante, que se tornou a minha autoconsciência, nos permite estar com todo o nosso eu presente no real. Não precisamos fugir, temos tudo. Mas o que é realmente fascinante é que isto não anula o nosso eu, não anula o senso religioso, exalta a nossa razão, a nossa liberdade e a nossa afeição porque permite que a nossa razão não se feche na própria medida, mas olhe o real sem poder tirar dos olhos a Sua presença.

É impressionante o que diz Dom Giussani e que às vezes nos passa despercebido: “Razão e afeição: este é o coração do homem [...]. É o coração - como razão e afetividade - a condição para a atuação sadia da razão. A condição para que a razão seja razão [isto é, abertura à realidade segundo todos os fatores] é a afetividade que a investe, e assim move todo o homem”,⁷³ e assim impede que a razão se torne medida.

Quando a razão não é usada segundo a sua natureza, o homem não tem condições de reconhecer a Presença dentro da realidade e então a consequência é o tédio, como descreve Julien Green: “O tédio profundo deriva da ausência de Deus, [depois, é como se ele se corrigisse] ou, melhor ainda, da nossa ausência quando Deus está presente, e está presente sempre, mas nós preferimos os nossos miseráveis ‘outros lugares’ e neles morremos de tédio”.⁷⁴

Ao contrário, é a razão totalmente tomada, escancarada pela afeição a Cristo, que nos torna tão presentes a ponto de reconhecer na realidade a Sua presença, porque está sempre presente, mas é preciso que a razão não perca a sua capacidade de ser verdadeira razão. Se Deus está sempre na realidade, cada circunstância é provocação, é sugestão, é sinal que nos impele a olharmos dentro dela, a reconhecer o ponto de fuga da

realidade, que é Cristo. É isto que permite respirar na circunstância, que do contrário seria sufocante, é isto que nos permite viver sempre presentes agora com tudo de nós mesmos, como afirma uma de vocês: “A graça que Ele nos doa tomando-nos é a graça de uma fecundidade inimaginável. Eu também, na minha mesquinhez, percebo que se não fosse pela graça que Jesus me doa, não seria capaz de querer bem a quem me é dado, não conseguiria me comover com as pessoas que morrem nos contínuos atentados, não seria capaz de rezar pelos novos governantes. Cristo [e esta é coisa mais bonita], tornando-nos uma só coisa com Ele, escancara justamente o olhar para toda a realidade e não há mais nada que possa continuar estranho para nós”.

O melhor está por vir! É a promessa para todos, e depende do fato de que a afeição a Cristo vença tão poderosamente de modo que nenhuma circunstância possa desviar do olhar para Cristo. Tudo se joga no espaço da minha liberdade que diz “Tu” ao Mistério. Dizer “Tu” a Jesus é dar-se conta da Sua contínua ternura que me surpreende a cada manhã com a luz de um novo dia.

“O que caracteriza o eu novo é a verdade das coisas [esse olhar todo escancarado], é a verdade da realidade, [...] é uma imersão na realidade como verdade”.⁷⁵ E qual é a verdade da realidade? A realidade é Cristo. Mas para nós esta é uma afirmação abstrata.

Só se Cristo torna-se o centro da afeição, como acontece com o marido ou o namorado, é que a pessoa entende o que quer dizer que a realidade é Cristo, que tudo o que existe tem como significado Cristo. “Amor, amor, todas as coisas conclamam”,⁷⁶ “Todas as coisas têm nele a sua consistência”.⁷⁷ Todo o mundo, toda a história tem consistência naquele Homem vivo e ressuscitado, presente no meio de nós.

Quem és Tu, Cristo? Quem és Tu?, capaz de arrebatara todo o nosso eu e de fazer tudo virar um lugar de vida, um espaço onde a pessoa vive livre em meio a qualquer circunstância. Quem és Tu? Fico contente porque Tu és. Eu sou eu porque Tu existes, Cristo. E por isso se desperta continuamente a pergunta: Tu quem és, Cristo? É isto que torna a fé razoável, que torna razoável o cristianismo, é isto que faz apegar-se cada vez mais a Cristo. A missão é pôr no mundo um sujeito assim, não é fazer outras coisas.

Um verso genial de Ada Negri resume tudo o que eu queria dizer nestes dias: “Tudo / para mim Tu foste e és”.⁷⁸ De muitas pessoas talvez alguém poderia dizer: “Tudo para mim tu foste”, mas dizer não somente “foste” no passado, no encontro, mas “és agora”, no presente, é uma outra coisa. “Tudo / para mim Tu foste e és”.

Domingo, 30 de abril, manhã

Na entrada e na saída:

Wolfgang Amadeus Mozart, Grande Missa em Dó menor k 427

H. von Karajan – Berliner Philharmoniker

“Spirto Gentil”, Deutsche Grammophon (Universal)

Padre Pino. O anúncio do anjo acontece agora. Toda a nossa vida, neste instante, é alcançada por essa festa de certeza, por esse desafio à nossa liberdade. Desse modo, a cada dia não estamos sozinhos na caminhada para o nosso destino. A consistência de tudo, dos rostos, das coisas, é uma Presença amiga, amiga do nosso destino de felicidade dentro da nossa vida.

Ángelus

Laudes

■ ASSEMBLÉIA

Giancarlo Cesana. A primeira pergunta sobre as duas meditações que escutamos é a que representa a grande maioria das indagações. Refere-se a uma explicação que já foi dada, porém acredito que seja oportuno repropor: “Se o coração é infalível, de fato, por que tantas vezes ele erra?”. A esta eu acrescento uma outra feita diretamente a Carrón: por que, desde quando lhe foi confiada, e você aceitou, a responsabilidade sobre nós, você continua a insistir tão decididamente, com tão grande obstinação, sobre a questão do coração, sobre esta palavra, “coração”?

Julián Carrón. Porque para mim esta foi uma das coisas que mais me entusiasmou desde que encontrei o movimento, porque colocava nas minhas mãos um critério para percorrer a estrada.

Muitíssimas vezes eu repeti a Dom Giussani: “Eu te serei sempre grato por me teres permitido trilhar um caminho humano”. Não é que eu não tivesse fé: já era padre há dez anos quando encontrei o movimento, ninguém podia me dizer que eu não tinha levado a sério a proposta que me tinham feito, mas na minha experiência havia alguma

coisa que não ia bem, permanecia um dualismo de fundo, que não me permitia estar com tudo de mim mesmo no real. Por isso me entusiasmei o fato de que desde a primeira página de *O senso religioso*, ele, quando explica a questão da experiência, insiste sobre o critério que permite julgar tudo, aquilo que chama de “experiência elementar”, isto é, o coração, com o qual cada um de nós pode comparar tudo o que acontece. E, para mim, desde então, foi uma aventura fascinante, e eu gostaria que ninguém perdesse a oportunidade de fazê-la.

Cada vez me entusiasmei mais, pois tudo o que me acontecia começava a se tornar útil para a minha vida, porque eu aprendia sempre, mesmo quando errava, pois se alguma coisa não me correspondia, eu tinha aprendido algo: não era aquilo mas havia algo que correspondia e eu tinha o critério para julgá-lo. Ou seja, por meio do coração eu podia julgar sempre o que correspondia ou não correspondia às exigências do coração, e isto fazia exaltar mais Cristo.

A mim interessa o coração não pelo coração; me interessa por causa de Cristo, porque é o único capaz de realizar o coração, e a pessoa se torna cada vez mais entusiasta de Cristo quando é capaz de perceber a diferença entre Cristo e outra coisa qualquer. Por isso posso desafiar todos vocês e o mundo inteiro a comparar tudo com o coração, pois enquanto vocês não encontrarem Cristo, não encontrarão o único em quem o coração pode repousar. A realidade se faz transparente na experiência. Eu tinha ouvido falar de Cristo, mas a realidade de Cristo se faz transparente na experiência, isto é, na comparação com o meu coração. Por isso não posso deixar de lado o coração quando falo de Cristo: eu descubro continuamente quem é Cristo por essa comparação com o coração, do contrário, como diz Dom Giussani, é um simples nome. Com a sua esposa ou o seu marido, o valor deles tornou-se evidente para vocês na correspondência ao coração: existia antes de vocês se conhecerem, mas quando vocês se encontraram o valor se revelou para vocês, no encontro acontecia esse juízo. Mas isto não acontece só no momento do encontro, acontece cada vez mais na caminhada, pois quando a pessoa começa a caminhar, não é por isso que deixa de errar, continua a errar, todos nós continuamos a errar, mas cada vez vemos o que não corresponde. Eu sei o que é que corresponde; é como se de dentro da experiência Cristo me dissesse: “Sou eu que lhe falto em cada coisa que você experimenta, sou eu mesmo”.

Volto à pergunta: “Se o coração é infalível, por que de fato tantas vezes ele erra?”. O coração é infalível como critério, não como juízo. Você erra porque aplica mal o critério infalível do coração.

É como se alguém perguntasse: se a fórmula de matemática é infalível para certos tipos de problemas, por que muitas vezes a gente erra? Porque você não se aplicou o bastante: precisa aprender, precisa treinar. Mas nem por isso você põe em dúvida a validade da fórmula: continua a ser válida, infalível, mas você pode aplicá-la mal.

O que me interessa não é que a aplicamos mal, mas que tenhamos essa certeza sobre a infalibilidade, porque mesmo quando a aplico mal, na experiência vem à tona o juízo, pois se eu erro eu percebo. Por isso ficou famoso o mítico exemplo dos sapatos: é infalível porque você não decide sequer o número dos seus sapatos. Por quê? Porque o critério para comprar os seus sapatos é um dado; assim como o coração, o pé foi dado a você, do contrário podemos comprar aquele par que está em liquidação. Experimentem ver se o critério é objetivo ou subjetivo, experimentem comprar um par de sapatos só porque está em oferta, porque vocês gostam mais ou porque vão economizar um pouco... Não é você que decide, como não sou eu: o critério me foi dado.

Quando estou doente, o critério é infalível: tenho a doença, carrego-a comigo, e esse critério é infalível para todas as tentativas que o médico faz para me curar. Se o médico, que é muito competente, me diz que fazendo de certa maneira eu fico curado, eu posso lhe dizer: “Veremos. Vou começar a fazer o que o senhor me diz, mas se me corresponde, não é o senhor que decide, doutor; é a realidade que decide se esse percurso, se esses remédios que o senhor me receita me curam”. O critério está dentro de mim, é infalível. Se o médico não me dá aquilo que corresponde àquela doença, não me cura. E quando vou ao médico, eu não deixo a doença em casa, carrego-a sempre comigo e é sempre o critério com o qual julgo se tudo quanto o médico me diz é capaz de curar, isto é, se me corresponde, se o tratamento que me dá é o que corresponde à doença que tenho.

Nós nos achamos feitos de uma certa forma, isto nos foi dado, com um desejo de infinito, e, querendo ou não, como dizia Dom Giussani, com isto julgamos tudo, mas tudo mesmo, tanto é que se alguma coisa não corresponde àquele desejo, antes ou depois não me interessa. Observem quantas coisas vocês têm no quarto que por um certo tempo lhes interessaram e faz tempo que vocês esqueceram: não têm valor suficiente para continuarem a interessar, e por isso decaem.

Por isso digo sinteticamente: a única questão na vida é uma, se existe algo que permanece interessante por todo o tempo, por toda a eternidade, para o coração, para esse desejo de infinito, se existe algo que permanece interessante, do contrário, podemos dizer o que quisermos,

mas se não é assim, vence o niilismo, antes ou depois, porque não há nada capaz de me interessar para sempre.

Eu os desafio, não quero resolver o problema, como disse tantas vezes. Virem-se: vocês têm o coração, vocês encontraram Cristo, façam constantemente essa verificação e me digam se encontram algo que lhes corresponda mais. Eu não vim até aqui para poupar cada um do drama do viver, mas, pelo contrário, para despertar o drama em todos nós. Não é porque eu não me interesso, mas porque existe algo de que devemos fazer a experiência nós mesmos, caso contrário, antes ou depois, não nos interessa a fé.

É você que tem necessidade dessa certeza de Cristo para viver, para se acordar amanhã de manhã, e isto você pode obter somente se faz essa experiência. Interessa-me esta coisa, porque está em jogo o viver. O problema não é o moralismo no qual todos ficamos presos: isto não é nada em relação ao verdadeiro problema. Sabem qual é o verdadeiro problema? O niilismo: este é o verdadeiro problema. Ou nós temos uma resposta para isto, ou podemos ir pra casa vencidos, derrotados.

Nós temos uma resposta para o niilismo. Mas isto cada um deve descobrir na relação única, pessoal com Cristo presente aqui e agora entre nós.

Cesana. Não podemos nos esconder atrás de Deus ou atrás do movimento, ou atrás da própria batina de padre, ou atrás da própria vocação. E isto nos introduz à segunda pergunta: “Por que a liberdade tem medo do coração infalível?”. Eu a reformularia também assim: o problema é que a lei escrita no coração é o que permite a liberdade. Com efeito, a gente tem medo da liberdade porque quer as instruções de uso, isto é, a gente quer as receitas.

Carrón. A liberdade não tem medo do coração infalível, porque a liberdade é a experiência da satisfação do coração.

Como sempre aprendemos, eu faço a experiência de ser livre quando consigo satisfazer um desejo. Faço a experiência da liberdade quando experimento a satisfação do meu desejo humano, que é desejo de infinito. O coração não tem medo disso, a liberdade não tem medo de um coração que reconhece aquilo que corresponde e onde encontra a satisfação. Aquilo de que tem medo é da imagem que nós fazemos da liberdade: que fazendo o que queremos seríamos mais nós mesmos, seríamos mais livres. Verifiquem isso. Verifiquem quando é que vocês são mais livres, e perceberão que somos mais livres quando encontramos

esta correspondência ao coração, e nisto o coração é infalível. Portanto, a liberdade está a favor do coração.

Cesana. “Que significa que a afeição impede que a razão se torne medida?”.

Carrón. Belíssima esta questão. Faço dois exemplos.

Certa vez, na Espanha, aconteceu que um rapaz dos colegiais, quando eu lecionava na escola, sofreu um acidente e todos os meninos do grupo dos colegiais chegaram um pouco inquietos: “Como é que Deus pode permitir isso?”, e eu lhes disse: “Depende de como nós chegamos frente ao que nos acontece” e lhes dei este exemplo, que depois contei milhares de vezes. Se você, voltando pra casa, encontra um desconhecido que lhe dá uma bofetada, o que faz? Um deles, que era um pouco enérgico, disse: “Eu lhe responderia com duas bofetadas”. Digo: “E se quando você chega à sua casa é a sua mãe que lhe dá?”. Ele parou e disse: “Perguntaria a ela o porquê”. O que permitiu essa abertura no rapaz? A afeição pela mãe. A afeição pela mãe impediu que ele se fechasse na sua medida.

Segundo exemplo: os discípulos. Não é que os discípulos tivessem entendido muito mais do que aqueles que foram embora depois que Jesus falou do pão da vida. Por que eles ficaram? Por causa daquela experiência de afeição a Cristo: “Se formos embora, aonde iremos?”. É esta afeição que impede que a razão se torne medida: “já que eu não entendo, vou embora”. A afeição impede a medida.

Quanto mais a pessoa se afeiçoa a Cristo, quanto mais fica apegada a Cristo, tanto mais é impossível tirar dos olhos e do coração Cristo quando se relaciona com o real, como o rapaz com a mãe, como os discípulos com Cristo, de tal modo que a razão não pode se tornar medida. Por quê? Porque esse apego pela mãe, ou por Jesus, ou por Cristo agora, impede que a razão se torne medida e faz com que ela fique toda encarcerada ao real.

É isto que nos permite viver as circunstâncias de modo verdadeiro, porque quando a pessoa se vê diante das dificuldades ou em situações nas quais a circunstância parece não deixar respirar (imaginem vocês com os seus filhos, com o seu marido), quando lhe vem a pergunta: “Mas por que vale a pena viver?”, no que a pessoa pensa? O que a impede de sucumbir à própria medida? A afeição pelo filho ou pelo marido.

A questão é se existe algo de verdadeiro que em qualquer circunstância nos liga, a que somos apegados tão fortemente que conseguimos

evitar que a razão se torne medida. E para isso é somente uma familiaridade com Cristo cada vez maior que nos impede de reduzir todo o real à nossa medida, porque tudo, como sempre nos ensinou Dom Giussani, nos fala dEle, até mesmo no momento mais duro da vida. É como se a dificuldade, a doença, a dor não tivessem a força de nos fechar, porque o apego a Cristo é tão potente que nem mesmo a dor maior que temos é capaz de nos separar dEle, como aconteceu com Cristo na paixão: nem mesmo a paixão e a morte o separaram do amor ao Pai. Então, deixando aberta aquela possibilidade ao Mistério, o Mistério age.

Tudo se joga na afeição. Não porque a afeição seja tudo, mas porque a afeição, como diz Dom Giussani, permite que a razão mantenha a sua natureza de razão: abertura à realidade segundo todos os fatores. Sem isto, inexoravelmente, quando não entende ou quando a dor é grande demais, a razão se torna medida: sendo que eu não entendo isto, não tem sentido. Torna-se medida: sendo que eu não posso compreender isto, é sem sentido. Não! Alguém que encontrou Cristo, que é totalmente apegado não por ingenuidade, mas por uma verificação da fé, pois ele deveria tirar dos olhos, da pele, do coração tudo quanto já viu, não pode deixar-se fechar numa realidade como medida.

A verdadeira questão é se nós na vida fazemos um percurso que nos permite ficar cada vez mais apegados a Cristo de tal maneira que nenhuma realidade, nenhuma dor, nenhuma circunstância possa nos fechar, romper o laço que mantém toda a nossa razão aberta e escancarada ao Mistério. Isto é o que diz Dom Giussani quando afirma que a Igreja nos educa ao senso religioso, a essa abertura da razão que não se fecha. Sem o apego a Cristo, sem a afeição a Cristo, somos coitadinhos e, quando não entendemos, dizemos “não tem sentido”; a razão se torna medida. É essa afeição que nos mantém abertos, escancarados a Cristo, e assim podemos ver a realidade como sinal, que tem sempre o ponto de fuga.

“Amor, amor, todas as coisas conclamam”: tudo nos fala dEle, porque a realidade é Cristo, não porque somos visionários, e isto nos permite viver a realidade como é, mas justamente como é, segundo a sua natureza de realidade, isto é, de sinal do Mistério. Mas a condição para vivê-la assim é a afeição a Cristo. Por isso era necessária a encarnação, para que o eu pudesse apegar-se à carne de Cristo, à afeição a Cristo, de modo tal que pudesse entender o que quer dizer que a realidade é Cristo. A isso chegaram os discípulos; não é que Jesus lhes tenha dado uma aula de filosofia para chegar a dizer que a realidade era Cristo; era vivendo com Ele, reconhecendo que Ele era o sentido de tudo, que Ele

fazia tudo se tornar interessante, que entenderam: “A realidade é Cristo. Tudo foi feito por Ele. Tudo nEle tem consistência”.

Cesana. De outro lado, a palavra *affectus* em latim quer dizer “atingido”. Portanto, a afeição quer dizer deixar-se atingir, isto é, aceitar que não somos nós a medida da realidade, mas a medida da realidade é um Outro. Todo o problema é aceitar o golpe; não abrandar o golpe, mas aceitá-lo.

“Para mim o presente nunca é agora”, escreve Greene. Na Introdução, Carrón disse: ‘É fácil: basta deixar-se arrastar pela Sua presença entre nós’. Mas se é fácil, por que para mim o presente nunca é agora?’.

Lembro-me de uma outra palavra que se usa como sinônimo de “fácil”, que é a palavra “simples”, e vou me lembrar sempre de que certa vez perguntei a Dom Giussani: ‘Como se faz para ser simples?’ e ele me disse: ‘Para ser simples precisa ser decidido’. Então, nunca se vive o presente porque não se está decidido a vivê-lo.

Carrón. A pessoa não se deixa arrastar.

Cesana. Não nos deixamos atingir. É esta exatamente a doença do século - me vem também à mente aquele belíssimo exemplo de Dom Giussani sobre Chernobyl, feito aos universitários em 1987, para descrever os jovens como esvaziados de afeição, isto é, de capacidade de se apegar, de capacidade de se deixar atingir - : a obtusidade. “Gostaria de entender mais a questão da impenetrabilidade. É um trabalho educativo que permite a simplicidade do nosso coração?”. Para mim, encontrar o movimento e vivê-lo significou romper uma obtusidade, que não é impenetrabilidade: a obtusidade quer dizer que não se entende; a impenetrabilidade quer dizer que a pessoa se opõe a entender. É uma outra questão. E, justamente, eu devo agradecer a todos aqueles que me ajudaram a vencer essa obtusidade, porque a educação é o desenvolvimento do núcleo originário de uma pessoa, isto é, o chamado deve esperar que a liberdade dê brecha, o chamado deve esperar que a pessoa se abra.

Eis, eu devo agradecer a todos aqueles que ficaram perto de mim, porque entendi, principalmente se penso no relacionamento que tive com Dom Giussani, que ele me esperou, me esperou de modo que viesse à tona eu, não para me impor aquilo que ele pensava. A impenetrabilidade, ao contrário, é justamente a oposição à proposta.

Carrón. A impenetrabilidade, falando com as palavras que antes usava Giancarlo, é não se deixar atingir; o fato de que o real diga o que disser, ainda que eu me encontre frente à coisa mais bonita, não a aceito. Por isso gosto como um louco daquele exemplo das crianças na praça que sempre repito quando nos vemos. Jesus os repreende porque essa é a impenetrabilidade, é o fechamento do eu que não se deixa atingir, não se deixa salvar.

Cesana. Nos adultos isto é tremendo.

Carrón. Exato. Jesus, entre tantas coisas, insiste sobre o ser criança neste sentido, sobre essa abertura: “A quem vou comparar esta geração?”. Quem eram? Aqueles que não viam: viam todos os milagres que fazia, mas não se deixavam tocar. Este é o ponto: não que eu seja frágil. Nós pensamos que a impenetrabilidade é a fragilidade. Ele não se assusta com a nossa fragilidade...

Cesana. ... ou que seja como uma obtusidade...

Carrón. Os apóstolos eram fragilíssimos, aprontavam uma atrás da outra: quando não se aborreciam com alguém, discutiam entre si sobre quem era o primeiro, ou queriam tocar fogo nos samaritanos; aprontavam de tudo, mas este não é o problema.

Nós nos preocupamos sempre com a ética. O problema não é a ética, o problema é a ontologia, o relacionamento com o real. Porque se eu tenho um coração com um desejo de infinito, eu não posso me responder sozinho: devo aceitar, deixar entrar um Outro. E se eu sou impenetrável, não posso deixar um Outro entrar, e esta é a minha condenação. O inferno é isto, esta impenetrabilidade última.

Cesana. É a solidão.

Carrón: É a solidão, a ausência de laços. Por isso Jesus diz: “Com quem, então, vou comparar as pessoas desta geração? Com quem são parecidas? São parecidas com crianças sentadas nas praças, que gritam umas para as outras: ‘Tocamos flauta para vós e [vós, como se nada acontecesse,] não dançastes! Entoamos cantos de luto e [vós, como se nada acontecesse,] não chorastes!’”, isto é, não se deixam atingir. E depois diz: “Veio João Batista [uma figura ascética] que não come pão, nem bebe vinho, e dizeis: ‘Tem um demônio!’ [um tipo estranho, raro,

este aqui, eh!]; Veio o Filho do Homem [como todos os outros, que não é ascético, vai jantar quando o convidam] que come e bebe, e dizeis: ‘É um comilão e beberrão, amigo de publicanos e de pecadores’ [isto é, que se relaciona com todos]” (Lc, 7,31-34). Não há nada a fazer: faça o que fizer, eu sou impenetrável.

A questão é o relacionamento com o real. Jesus reprova os fariseus por serem impenetráveis, por não se deixarem tocar, atingir por aquilo que acontece diante dos seus olhos. Este é o ponto, isto é o que devemos pedir, porque nós todos fomos feitos, fomos criados escancarados, com a curiosidade da criança. Por que depois nos fechamos? Esta é uma decisão da liberdade. A pessoa pode educar, se o outro é disponível. Dom Giussani dizia que a liberdade pode ser educada a esta disponibilidade a se deixar tocar e a essa aceitação do real da forma como nos é dado, sem pôr o cotovelo na frente da relação com o real. A pessoa pode educar, se o problema é de fragilidade, não se é de impenetrabilidade, ou seja, se eu decidi que, aconteça o que acontecer, ninguém me move. Isto é o inferno. Devemos pedir a Nossa Senhora para não nos fecharmos, não para não sermos frágeis, mas para não nos tornarmos impenetráveis à Sua presença, à beleza da Sua atração, pois a última palavra sobre a nossa fragilidade é sempre a misericórdia; o problema é se somos impenetráveis também em relação à Sua misericórdia.

Cesana. “Se é na experiência que se percebe que o coração é infalível, que quer dizer então fazer experiência?”

Carrón. Vocês precisam ler o primeiro capítulo de *O senso religioso*. Fazer experiência é provar alguma coisa, mas não só provar algo, é dar um juízo acerca daquilo que provamos, pois do contrário não serve para nada.

Muitas vezes eu dava aula aos jovens no colégio pela manhã; eles me faziam tantíssimas perguntas. Depois, à noite, eu encontrava alguns adultos; ainda me lembro de um, uma pessoa que tinha dado a volta ao mundo aqui e ali, que me fazia as mesmas perguntas que os jovens me faziam pela manhã: tinha provado mutíssimas coisas, mas não tinha aprendido nada.

Nós podemos viver assim. Por quê? Porque não basta provar as coisas. Por isso, tantas vezes a vida do adulto, se não julga, torna-se mais confusa, não sabe mais como fazer e até se justifica: “É que agora sou mais consciente da complexidade do viver”. Não! Não estamos condenados a isso: é pura preguiça. Devemos chamar as coisas pelo próprio

nome. Se a pessoa não tivesse encontrado alguém que lhe tenha proposto um método, eu entenderia, mas nós não podemos dizer isso. Nós temos um método para viver. Não existe uma outra coisa mais inteligente do carisma do que isto.

O carisma de Dom Giussani, como sempre nos disse, é uma pedagogia, um método pedagógico, não para nos substituir, mas para nos ajudar a viver, para que tudo se torne nosso, nosso cada vez mais, e isto pode se tornar nosso apenas se utilizarmos o método. E para provar uma coisa e dar um juízo é preciso um critério de juízo: o coração, a experiência elementar, algo que está dentro de nós, mas que não podemos manipular: a experiência elementar.

Se vocês tiverem um mínimo de estima por vocês mesmos, peçam que lhes expliquem bem o que é a experiência, do contrário voltamos sobre este ponto porque é decisivo como instrumento para o viver, porque tudo o que acontece na vida constrói a vida, se faz fazer experiência, isto é, se a pessoa é capaz de julgar tudo o que acontece.

Cesana. “Se o Batismo é o fator que nos enxerta ontologicamente na vida de Cristo ressuscitado, que valor tem o nosso encontro pessoal com o Movimento de Comunhão e Libertação, e o que é que facilita poder dizer hoje: ‘Tudo / para mim Tu foste e és’ para quem, como nós, percorreu esta estrada há anos?”

Eu me permitiria começar a responder com base na experiência.

Lembro-me de uma afirmação que Dom Giussani fez há vários anos, quando disse que o carisma vem existencialmente antes do dogma. Quer dizer o quê? Para mim, aos 17 anos, o cristianismo estava morto, foi Dom Giussani que o fez reviver. Por isso nós dizemos, eu digo, que Dom Giussani é um carisma: fez viver aquilo que de outra forma não teria existido. É a ação do Espírito Santo que ressuscita o que não existiria mais. Este fazer reviver vem antes da definição; existencialmente eu devo começar a viver para entender o que define a minha vida. Encontrando o movimento, eu compreendi a minha vida, ou seja, dei-me conta do que significava a minha vida, e portanto o Batismo que me tinha sido dado como chamado a ser, e a ser para sempre. O Batismo é a mutação mais desconcertante, porque é o que introduz na vida eterna, o que introduz na realização do desejo que temos. Permito-me citar um episódio. Depois que minha mulher morreu, fui encontrar Dom Giussani; eu na cadeira de rodas e ele também entrou na sala numa cadeira de rodas. Em certo momento começamos a falar de Abraão. Estava também o Vittadini, havia também outras pessoas, e eu lhe perguntei: “Veja como estamos

machucados e veja Abraão, que história dramática, atormentada, que viveu. Então, a fé, o Batismo, que diferença faz se depois a gente vive assim?”. Ele parou um instante pra pensar e depois exclamou: “Mas existe o eu”, Abraão é a origem do eu, isto é, a origem de um homem que reconheceu ser querido por Deus. Conosco acontece tudo o que acontece aos outros, nós somos como todos os outros, mas somos queridos, fomos chamados, o pai e a mãe nos introduziram nesta vida para sempre. Por isso toda a vida é percorrida como um desígnio sobre nós, algo que se realiza, aconteça o que acontecer. Há um trecho da Bíblia que diz: “Estou fazendo de ti um muro de bronze: farão guerra contra ti, mas não te vencerão” (Cf. Jr 1,18-19), por esta consciência de mim, de que sou querido por Alguém que é maior do que eu.

O encontro com Comunhão e Libertação é decisivo, porque sem encontro, sem a suscitação do eu, sem consciência da vida não existe nada.

Carrón. O encontro nos faz reconhecer, nos torna conscientes do que de verdade aconteceu no Batismo. O Batismo é a ação potentíssima de Cristo mediante a qual Ele me diz: “Tu és meu”. E desde então, como dizia Dom Giussani há anos, Cristo começa esta luta de conquista do eu, na qual toda a história da nossa vida é a tentativa de despertar aquela afeição a Cristo de modo tal que se torne existencial aquilo que já aconteceu no Batismo.

Isto é decisivo. Aquilo que aconteceu no Batismo, que muitas vezes nós reduzimos só a um sentimento (sendo que não o sentimos parece que é igual a nada); quando a vida se torna de verdade um aperto, quando não sinto ou quando cometi erros gravíssimos, a ponto de eu me escandalizar de mim mesmo, por qual coisa eu sou definido naquele instante? Pelo abraço de Cristo no Batismo, que nem mesmo o meu erro, o que quer que eu tenha feito, pode interromper. Não há nada que eu possa fazer que consiga mudar a postura de Cristo para comigo.

Por isso o Batismo, mesmo que eu dissesse uma heresia, não se repete. Quando os primeiros cristãos eram perseguidos e renegavam a fé diante do imperador - muitos eram frágeis -, o Batismo não se repetia mais. Eu posso ser frágil o quanto quiser, até me escandalizar de mim mesmo, mas a potência de Cristo no Batismo é maior, e nem o meu mal o vence. As mães entendem isso muito bem: o que pode um filho fazer que leve a alterar, a mudar a postura de vocês em relação aos seus filhos? Não estamos falando de coisas estranhas, estamos falando da-

quele amor tão potente de Cristo que me agarra no Batismo, e isto vence tudo. Quando eu estou no nada, a ponto de não conseguir nem olhar para mim mesmo pela vergonha que tenho de mim, naquele momento eu posso dizer: “O que me define? Este abraço de Cristo, este ter sido agarrado por Cristo, que mesmo depois daquele erro, daquela bobagem que fiz, permanece”, e daqui se recomeça.

O problema não é que não façamos todas as bobagens que os outros fazem, mas que, depois de termos feito todas elas, possamos recomeçar das nossas cinzas, porque fomos queridos, e a expressão desse ter sido querido é o sinal do Batismo. Por isso o Papa não reduziu a uma coisa qualquer o Batismo; é algo bem diferente de um ato de socialização eclesial ou de uma simples lavagem de purificação, é muito mais: é ser agarrado por Cristo para sempre. Isto define todos, seja qual for o sentimento que tenhamos: “Não me diz nada”... Que importa aquilo que lhe diz? A questão é: é assim ou não é assim? Aconteceu isto no Batismo, para sempre. O caráter do sacramento permanece para sempre, como sinal único de Cristo. Esta é a certeza do viver. Quem pode pôr a certeza do viver naquilo que faz? Estamos sempre à mercê dos nossos medos. A certeza do viver está exatamente neste gesto de Cristo que me agarrou para sempre, e por isso posso recomeçar. E onde sou introduzido para esta consciência do que é o Batismo? No carisma, na Igreja.

Cesana. “Que quer dizer amar Cristo, ser apaixonado por Cristo? É como se não fosse claro o objeto (a unidade, a Igreja). Sei o que é a paixão pelo esposo e pelo filho, mas não sei o que é a paixão por Cristo. Se eu tivesse de escolher entre a sobrevivência do meu filho e o fato que Cristo tenha realmente ressuscitado, eu escolheria a primeira”... e assim morre você, seu filho e seu marido!

Carrón. Às vezes não sabemos o que dizemos. Quem lhe deu e quem lhe dá o seu filho? Quem pode mantê-lo para você? Quem pode levar à realização? Esta é uma das coisas mais desconcertantes que há, que me toca muito. Um pai que carrega a criança recém-nascida no colo pode não dar a mínima para a sua própria vida como adulto, para o seu destino de felicidade, mas não pode evitar sentir arrepios frente ao que será daquela criança. Você, diante desse arrepio, tem alguma coisa a oferecer como resposta completa ao destino do seu filho? Que seria de seu filho se não encontrasse uma razão para viver? Ele o reprovava por tê-lo feito nascer.

Cristo não entra em contraposição com seu filho, Cristo morreu e ressuscitou por seu filho e por você, para que seu filho tenha uma razão para viver.

Cesana. “Você disse que Cristo ressuscitado é um juízo. Que quer dizer isso no cotidiano?”

Carrón. Que eu não posso reduzir a realidade à aparência daquilo que no momento me parece, mas que a realidade é feita por Cristo, que “tudo nEle tem consistência”. E a esta certeza os discípulos chegaram justamente porque Cristo venceu a morte.

Cesana. Se não existisse Cristo, a realidade se derreteria.

Carrón. Exato. Que experiência fizeram os discípulos de Cristo (pois eles não freqüentaram uma escola de filosofia)? Que experiência eles fizeram de relacionamento com Cristo a ponto de chegar a dizer que tudo é feito por Cristo e em vista de Cristo? Somente num relacionamento.

Cesana. Eu cito a frase de Spinoza, que li ontem em *Il Foglio*, que dizia que qualquer coisa, independentemente daquilo que é, tende a permanecer no ser, isto é, existe um desejo de imortalidade, de valor eterno. Porque se a realidade não tem esse valor, se eu não tenho esse valor, a aparência vence, porque eu sou aparência: agora vocês me vêem e daqui a um pouco de tempo não me verão mais; esperamos que vocês me vejam por um bom tempo!

Carrón. E isto novamente se vê nos momentos decisivos do viver. Quando morreu meu pai, eu não queria desviar o olhar e me consolar. Eu queria olhá-lo no rosto e queria saber se isto era tudo ou não. Do contrário, devemos desviar o olhar e nos distrair. Mas se eu posso olhar o caixão de meu pai até o ponto de dizer, no fundo: “A realidade é Cristo”, então eu posso olhar tudo, mas tudo mesmo. Caso contrário, como acontece normalmente, nós somos tomados pelo medo e existem tantos acontecimentos na vida que não podemos olhar. Entendem por que não estamos no real, entendem por que o presente nunca é agora?

Este é o valor do cotidiano, não para fazer a meditação algumas vezes, mas para viver o cotidiano. A questão é que para nós isto é abstrato, porque falta a familiaridade com Cristo, e por isso muitas vezes

não nos vem sequer à mente. Mas Dom Giussani, como eu dizia antes, em cada coisa o via: “Eu, Cristo, sou o Mistério que falta em cada coisa que você experimenta”: em tudo experimentava isso. Não porque Giussani fosse um místico, mas assim como você, se ama alguém, não pode evitar ver o pôr-do-sol, o sol, a flor, a primavera sem pensar no outro. A questão é se há algo de real, um Tu real, real! A quem não tem este Tu real, não vem sequer à mente. Bem diferente de ser visionário! Pensar no Outro vem à mente só a quem aconteceu alguma coisa, um relacionamento, do qual precisa para viver.

Cesana. “Perguntamos se é possível dizer que a própria comoção e a própria veneração que tenho por Cristo se reflete na posição que assumo frente aos rostos precisos da companhia que me é dada”.

Eu me lembro de uma frase que Dom Giussani me disse pouco antes de morrer, enquanto comentávamos certa impenetrabilidade entre nós. Ele me disse: “Não é possível amar Deus sem amar os homens, mas não é possível amar os homens sem amar a Deus”.

Carrón. “Uma pessoa... recebe a semelhança daquela coisa na qual fixa o seu olhar” (Gregório de Nissa). É a mesma veneração que tenho por Cristo a que me toma quando eu olho até o fundo aquilo que há nos rostos da companhia. Dizia São Gregório de Nissa e diz o Papa na encíclica: Cristo nos acompanha, depois da ressurreição, “por meio de homens nos quais Ele transparece”. A companhia é isto, a nossa companhia é isto: uma companhia de homens, agarrados por Cristo no Batismo e que vivem a memória de Cristo, olhando os quais pode-se ver transparecer a Sua presença. “Eu não sou mais eu mesmo, sou Tu que vives dentro de mim”. Esta é a nossa companhia: não a companhia e basta, mas Cristo presente na companhia. A questão é quando nós reduzimos a companhia, como o real, à aparência. Então, estamos juntos, mas ninguém, estando junto, pensa em Cristo. Este é o problema.

Vocês nestes dias foram obrigados a pensar em Cristo? Esta é uma companhia verdadeira: se alguém participa de um lugar onde é facilitado dizer o Seu nome, não como algo de acréscimo para os visionários, mas porque a superabundância da Sua presença nos atinge tão poderosamente que eu não posso evitar a comoção de dizer: “Mas quem és Tu, Cristo?”.

Cesana Poder chamar o destino pelo nome.

Carrón: Sim.

SANTA MISSA

HOMILIA DE PADRE FRANCESCO VENTORINO

A única séria questão da vida é o reconhecimento de Cristo ressuscitado. A própria insistência acerca do coração como critério objetivo de verdade, culmina na possibilidade da razoabilidade desse reconhecimento, na possibilidade da razoabilidade da fé, porque Cristo ressuscitado é o único fato que torna a vida humana aceitável para a razão e para o coração. Do contrário, tudo é nada, tudo seria nada, fadado ao nada. Somente esse fato dá consistência eterna a tudo. Eis por que Cristo insiste com os seus: “Toquem em mim, olhem para mim: não sou um fantasma, ou seja, a projeção dos seus desejos e dos seus medos. Sou eu, um fato real”. Ontem nós ouvimos que Ele entra dentro da experiência física dos discípulos: um fato histórico.

Também a nós Cristo fala: “Sou eu: toquem-me, vejam-me!”. Mas onde é que podemos tocá-lo, olhá-lo? Eis, nós fomos colocados dentro de um lugar no qual esses sinais da presença de Cristo não faltam. E esses sinais – como nos dizia Dom Giussani – consistem no fato de que a nossa experiência é subtraída de algum modo à sua natureza. É uma outra coisa que irrompe dentro, que explode dentro de vocês. Pensem na virgindade, no martírio, na fidelidade conjugal até o sacrifício, na fecundidade nos filhos, no acolhimento gratuito dos filhos dos outros. Eis, é uma posse das coisas com uma distância dentro. Esse milagre torna razoável o milagre da fé, isto é, aquele milagre pelo qual o nosso intelecto é como que impelido para além de si mesmo a reconhecer que o fundamento de tudo isto é Ele presente.

Mas para reconhecer Cristo é preciso superar o escândalo da forma da Sua humilhação, aquela forma da humilhação necessária para se tornar e para se mostrar Senhor das coisas: “O Cristo devia sofrer”, recorda Jesus aos seus discípulos. Este “devia” é importante, este escândalo da forma da humilhação até a morte, necessário para que se tornasse o Senhor e para que se mostrasse a todos como o Senhor. Mas é essa beleza do Crucificado, tão de verdade divina e tão inteiramente humana, que é a única que nos arranca do nada.

Temos ainda nos olhos a beleza que a humanidade de Dom Giussani alcançou com a sua morte. Como? Arrancou-nos do nada! E com aquela morte tivemos a graça – como eu disse várias vezes a padre Carrón – de uma transição na condução do nosso movimento tão alegre, tão con-

corde, tão certa que é um milagre. Com aquela morte tivemos a graça de uma nova paternidade, a paternidade de padre Carrón.

É verdade que o Cristo deve sofrer para se tornar Senhor; é verdade que este é o destino de cada um de nós: a nossa fecundidade, a nossa ressurreição passa pela identificação com a obediência da Sua morte.

MENSAGENS RECEBIDAS

*Reverendo Senhor
Padre Julián Carrón
Presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação*

Reverendo Senhor,
por meio de prezada carta do dia 6 de abril p.p., e do relativo anexo, o senhor, em nome dessa Fraternidade, informou o Santo Padre a respeito dos Exercícios Espirituais que serão realizados de 28 a 30 de abril de 2006 em Rímíni, e nos quais o senhor irá pregar sobre o tema “Vive-se por amor a algo que está acontecendo agora”.

Agradecido pelo gesto atencioso e pelos sentimentos manifestados, Sua Santidade faz votos de que esses dias de reflexão e de oração suscitem um empenho renovado de adesão a Cristo e de fidelidade à Igreja, e, enquanto confia à Maria Santíssima o bom êxito do encontro, com afeto concede ao senhor, às pessoas que participarão da importante iniciativa espiritual e a toda a Fraternidade de Comunhão e Libertação a implorada Bênção Apostólica.

Aproveito a circunstância para confirmar-me com sentimentos de distinto obséquo

Devotadamente seu, no Senhor,

*S.E.R. Cardeal Ângelo Sodano
Secretário de Estado*

Caríssimos,

“Vive-se por amor a algo que está acontecendo agora”. Esta profunda afirmação do sempre mais querido Monsenhor Luigi Giussani abre o coração e a mente para a mudança. O que está acontecendo agora, de fato, na companhia dos seguidores d’Aquele que morreu e ressuscitou por nós, é a objetividade da Sua presença que nos assegura a realização. O amor se faz assim mandamento, porque - como nos recordou o Santo Padre na *Deus caritas est* - Jesus se doa a nós como misericórdia viva e pessoal.

Na fé e nos sacramentos da Igreja renova-se também este ano por ocasião dos Exercícios o milagre da ressurreição do nosso eu para o bem de cada irmão homem.

Que a Virgem Santa acompanhe a liberdade de cada um rumo àquele humilde sim ao seu filho Jesus, do qual jorra, sempre renovado, o fascínio da aventura cristã.

No Senhor, vos saúdo e vos abençôo.

S.E.R. cardeal Ângelo Scola
Patriarca de Veneza

Caro padre Julián,
estou próximo de você e de todos os amigos do movimento que participam durante estes dias dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação.

Rezo para que esse gesto seja um grande momento de Verdade e de crescimento na experiência do carisma de Dom Giussani e na paixão missionária pela vida da Igreja, neste nosso mundo ferido e confuso.

Animados pela paternidade e pelo magistério de Bento XVI, podemos ser, em cada nação onde estamos presentes, o sinal do fascínio humano de Jesus.

Em fraterna comunhão.

S.E.R. dom Filippo Santoro
Bispo de Petrópolis

TELEGRAMAS ENVIADOS

*Sua Santidade
Bento XVI*

“Vive-se por amor a algo que está acontecendo agora”. Santidade, estas palavras de Dom Giussani marcaram a meditação dos 27.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação que vieram a Rimini para os Exercícios espirituais anuais e todos os outros amigos conectados de 60 países dos cinco continentes.

Guiados pelas vossas palavras: “No início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande idéia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá à vida um novo horizonte, e, desta forma, o rumo decisivo”, aprofundamos a consciência do encontro com o carisma de Dom Giussani por meio do qual a presença de Cristo nos alcançou, assim como aconteceu com os discípulos de Emaús, dos quais Jesus ressuscitado na carne se aproximou ao longo do caminho, por meio desse carisma fomos arrancados do nada que pesa sobre cada um de nós e, como os discípulos, nos tornamos “seus” pela energia do Espírito. Esta é a nossa força: pertencer a Ele dentro das margens seguras da Igreja.

Aguardando o encontro com Vossa Santidade na Praça de São Pedro no dia 3 de junho, confiamos à Vossa Paternidade todas as nossas pessoas: embora conscientes de nossos limites e fragilidades, queremos testemunhar a beleza de ser cristãos. Renovaremos a cada dia o compromisso de pedir a Nossa Senhora e a Dom Giussani para velarem sobre a vossa pessoa, escolhida por Deus para guiar a Igreja e assim tornar presente a glória de Seu Filho na história.

Sac. Julián Carrón

*S.E.R. cardeal Camillo Ruini
Presidente CEI*

Eminência Reverendíssima, 27.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, reunidos em Rimini para os anuais Exercícios Espirituais, e outros ligados via satélite de 60 países dos cinco continentes, meditaram a partir de uma frase de Dom Giussani: “Vive-se por amor a algo que está acontecendo agora”.

Somos gratos pelo Vosso contínuo testemunho da presença de Cristo, vivo aqui e agora na realidade do povo cristão que caminha na Itália, e estamos admirados da unidade com Bento XVI, vivida até a identificação.

Confirmamos o compromisso de mostrar, em todos os ambientes de vida e de trabalho, a correspondência do acontecimento cristão com as exigências fundamentais do coração de cada um, e a cultura nova que daí nasce.

Sac. Julián Carrón

S.E.R. dom Giuseppe Betori
Secretário CEI

Excelência Reverendíssima, 27.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, reunidos em Rimini para os anuais Exercícios Espirituais, e outros ligados via satélite de 60 países dos cinco continentes, meditaram a partir de uma frase de Dom Giussani: “Vive-se por amor a algo que está acontecendo agora”.

Renovamos o compromisso de testemunhar nos vários âmbitos da sociedade italiana o acontecimento de Cristo ressuscitado, única resposta ao desejo de felicidade que existe no coração de todos, seguindo Bento XVI e os Bispos em comunhão com Ele, para que a Igreja viva como esperança do povo.

Sac. Julián Carrón

S.E.R. dom Josef Clemens
Secretário do Pontifício Conselho para os Leigos

Excelência Reverendíssima, 27.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, reunidos em Rimini para os anuais Exercícios Espirituais, e outros ligados via satélite de 60 países dos cinco continentes, meditaram a partir de uma frase de Dom Giussani: “Vive-se por amor a algo que está acontecendo agora”.

Agradecidos a S.E. dom Rylko por ter partilhado conosco a celebração eucarística, sinal da comunhão com toda a Igreja, reafirmamos o nosso compromisso de seguir Bento XVI para sermos leigos testemunhas no mundo da beleza de ser cristão. Aguardando o encontro com o Santo Padre na Vigília de Pentecostes, pedimos uma oração pela santidade de todo o movimento.

Sac. Julián Carrón

S.E.R. dom Paolo Romeo
Núncio Apostólico para a Itália

Excelência Reverendíssima, 27.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, reunidos em Rímimi para os anuais Exercícios Espirituais, e outros ligados via satélite de 60 países dos cinco continentes, meditaram a partir de uma frase de Dom Giussani: “Vive-se por amor a algo que está acontecendo agora”. No seguimento filial de Bento XVI, apaixonado por Cristo vivo, voltamos para nossas casas mais certos da beleza de sermos cristãos e mais disponíveis a testemunharmos isso na Itália.

Sac. Julián Carrón.

S.E.R. cardeal Ângelo Scola
Patriarca de Veneza

Eminência caríssima, reunidos em Rímimi para os Exercícios Espirituais da Fraternidade e junto aos amigos ligados via satélite de todo o mundo, nós nos descobrimos mais afeiçoados a Cristo, que nos atrai com a energia do seu Corpo ressuscitado, e mais disponíveis a sermos Seus instrumentos de testemunho no mundo, na fidelidade ao carisma dado ao nosso pai comum Dom Giussani, que continua a desafiar a nossa liberdade.

Gratos pela mensagem testemunho de verdadeira fraternidade, pedimos-Lhe uma oração ao Pai para tornar menos indigno e mais seguro o nosso caminho para a santidade, certos de que Cristo é o que temos e mais caro no mundo.

Sac. Julián Carrón

S.E.R. dom Filippo Santoro
Bispo de Petrópolis (Brasil)

Caríssima Excelência, agradecidos pela mensagem que tornou presente nos Exercícios de Rímimi a Igreja que está presente na América Latina, mais agradecidos e certos do carisma encontrado que torna atraente para cada um de nós a presença de Cristo que nos arranca do nada, asseguramos a oração à Nossa Senhora pela ação missionária no Brasil com a qual continuamos a colaborar para a vida da Igreja, esperança do mundo.

Sac. Julián Carrón

Apêndice

A ARTE EM NOSSA COMPANHIA

Aos cuidados de Sandro Chierici

(Guia para a leitura das imagens tiradas da História da arte que acompanhavam a audição dos trechos de música clássica na entrada e na saída)

O homem esquecido da Aliança que Deus estabeleceu com ele está destinado a perder o seu rosto e experimenta a incapacidade de ficar frente ao real. A memória do Deus feito homem, e feito presença encontrável graças ao sim de Maria, desperta o gosto da vida, a possibilidade de experimentar a letícia dentro de uma companhia e em um lugar visível, e a tensão para que a Glória de Cristo seja reconhecida.

I

1. Marc Chagall, *O arco-íris, sinal da aliança entre Deus e a terra*. Nice, Museo Message Biblique Marc Chagall.
2. Marc Chagall, *A criação do homem*, detalhe. Nice, Museo Message Biblique Marc Chagall.
3. René Magritte, *O cair da tarde*. Houston, Menil Collection.
4. René Magritte, *O homem de chapéu-coco*. New York, A. Carter Pottash Colection.
5. René Magritte, *A grande guerra*. Coleção particular.
6. René Magritte, *Os amantes*. New York, Richard S. Zeisler Collection.
7. Giorgio de Chirico, *Os noivos*. Grenoble, Musée de peinture et de sculpture.
8. Balthus (Balthazar Klossowski de Rola), *Alameda do Comércio Saint-André*. Coleção particular.
9. Balthus, *A rua*. New York, The Museum of Modern Art.
10. Balthus, *As crianças Blanchard*. Paris, Musée National Picasso.
11. Balthus, *As três irmãs*. Caracas, Coleção Patrícia Phelps de Cisneros
12. Balthus, *A moça na janela*. Coleção particular.
13. Caspar David Friedrich, *Mulher na janela*. Berlim, Nationalgalerie

II

14. Lorenzo Lotto, *Anunciação*. Recanati, Picanoteca Civica
15. *Natività*. Miniatura do incipit do Evangelho de João. Biblioteca Apostólica Vaticana, ms. Urb. Lat. 2, Bíblia de Federico da Montefeltro, vol. II, f. 239 recto.
16. Beato Angélico, *Apresentação no templo*, detalhe. Florença, Convento de São Marcos, cela 10
17. Duccio da Boninsegna, *O encontro com a samaritana*. Degrau da *Majestade*. Madri, Coleção Thyssen-Bornermisza
18. Beato Angélico, *O sermão da montanha*. Florença, Convento de São Marcos, cela 32
19. Beato Angélico, *A comunhão dos apóstolos*. Florença, Convento de São Marcos, cela 35
20. Beato Angélico, *A descida aos infernos*. Florença, Convento de São Marcos, cela 31
21. Beato Angélico, *Noli me tangere*. Florença, Convento de São Marcos, cela 1
22. Beato Angélico, *Cristo ressuscitado e as santas mulheres no túmulo*. Florença, Convento de São Marcos, cela 8.
23. Duccio da Boninsegna, *O encontro com os discípulos de Emaús*. Degrau da *Majestade*. Sena, Museu da Ópera do Duomo
24. Duccio da Boninsegna, *Aparição na beira do lago de Tiberíades*. Degrau da *Majestade*. Sena, Museu da Ópera do Duomo
25. Duccio da Boninsegna, *Incredulidade de São Tomé*. Coroa da *Majestade*. Sena, Museu da Ópera do Duomo
26. Duccio da Boninsegna, *Aparição a portas fechadas*, detalhe da *Majestade*. Sena, Museu da Ópera do Duomo
27. Duccio da Boninsegna, *Aparição durante a ceia dos apóstolos*. Coroa da *Majestade*. Sena, Museu da Ópera do Duomo
28. Duccio da Boninsegna, *Aparição no monte da Galiléia*, detalhe. Coroa da *Majestade*. Sena, Museu da Ópera do Duomo
29. Duccio da Boninsegna, *Pentecostes*. Coroa da *Majestade*. Sena, Museu da Ópera do Duomo
30. Duccio da Boninsegna, *Despedida da Virgem de São João*. Coroa da *Majestade*. Sena, Museu da Ópera do Duomo
31. Mestre de São Martinho, *Nossa Senhora com o menino e anjos*, detalhe. Piza, Museu Nacional de São Mateus
32. Jacopo Torriti, *A coroação de Maria*, mosaico. Roma, Santa Maria Maior

III

33. Marc Chagall, *Bella e Ida na janela*. Coleção particular.
34. Jean-François Millet, *Mulher costurando perto de seu menino adormecido*. Boston, Museum of Fine Arts
35. Jean-François Millet, *Aula de leitura*. Boston, Museum of Fine Arts
36. Jean-François Millet, *Primeira aula de tricô*. Boston, Museum of Fine Arts Boston
37. Jean-François Millet, *Segunda aula de tricô*. Boston, Museum of Fine Arts
38. Jean-François Millet, *A tosquia*. Boston, Museum of Fine Arts
39. Telêmaco Signorini, *Descansando em Riomaggiore*. Coleção particular
40. Telêmaco Signorini, *Procissão em Settignano*. Coleção particular
41. Telêmaco Signorini, *Estrada rural com coletoras de feixes*. Coleção particular
42. José Clemente Orozco, *A família*. Cidade do México, Antigo Colégio de Santo Ildefonso
43. Nicolò Cannicci, *Ciranda*, detalhe. Coleção particular
44. Henri Matisse, *Vaso de nastúrcios e "A Dança"*. Moscou, Museu Puskin
45. Marc Chagall, *Maria dança*. Nice, Museo Message Biblique Marc Chagall
46. David Hockney, *Garrowby Hill*. Boston, Museum of Fine Arts
47. David Hockney, *Going up Garrowby Hill*. Coleção particular.

DIRETÓRIO PARA OS GRUPOS DE FRATERNIDADE

As indicações que seguem, sugeridas pela experiência destes anos, têm o objetivo maior de responder aos grupos de Fraternidade que expressaram o desejo de uma maior seriedade de postura na sua vida, pessoal e comunitária.

1. Obediência às indicações de quem guia toda a Fraternidade

Quem participa da vida da Fraternidade é convidado a obedecer às indicações de quem guia toda a Fraternidade, em uma imanência responsável à vida do Movimento, que implica até a afetividade.

2. Natureza e consistência do grupo

Um grupo é constituído de adultos que livremente o escolhem e o constituem. A idéia-guia da Fraternidade é a descoberta de que um adulto é responsável tanto pelo seu trabalho e pela sua família quanto pela sua santidade: pela vida como caminho para a santidade, isto é, pela vida como vocação.

O adulto, na medida em que é responsável, une-se a outros que reconhecem a mesma responsabilidade diante da vida como vocação.

Segundo o método ensinado pelo Movimento, todos deveriam desejar um grupo de Fraternidade, ainda que a adesão a ela seja pessoal.

3. O guia: todo grupo deve ser guiado

Todo grupo deve ser guiado. O guia não coincide mecanicamente com a figura do prior, mas com uma pessoa cheia de autoridade no sentido evangélico: pessoa que tem fé, que pode vir também de fora do grupo.

O guia deve comunicar um método de vida: ensinar a reconduzir tudo a uma idéia fundamental, que, quando meditada, olhada, amada, faz nascer “todo o resto”. Esta é a origem do nosso método de vida: a vida cristã nasce do encontro com uma presença, seguindo a qual se muda. É exatamente nesta mudança de si que amadurece de forma serena a idéia de uma regra.

O guia deve favorecer uma seriedade autêntica na fé. Um guia que direcione o grupo, conforte-o, ajude-o a corrigir a inevitável tendência à artificialidade e ao moralismo.

O relacionamento estável com uma pessoa “externa” ao grupo (sacerdote, responsável do Movimento, membro dos Memores Domini) pode evitar a ênfase do próprio grupo em detrimento da unidade de toda a Fraternidade, que não é uma federação de realidades autônomas.

Todo grupo deve ter um prior, o qual desenvolve uma função de secretaria (avisos, distribuição de textos, etc.) e de ordem. O prior se atém às indicações

recebidas do Centro através do responsável diocesano e regional e do membro do executivo a quem é confiada a responsabilidade da região.

4. A regra

Na vida do grupo, a regra existe em função de um incremento do relacionamento entre a pessoa e Cristo, e, portanto, como consequência, de um incremento do Movimento no serviço à Igreja.

a) Oração

Todo grupo deve dar-se uma regra de oração: pode ser a recitação de uma *Ave-Maria* à noite ou a participação da Missa cotidiana. Não importa se a escolha for a hipótese mínima ou a máxima. O que importa é o gesto de oração, a fidelidade a este gesto.

b) Pobreza

O sustento mensal do fundo comum de toda Fraternidade, que implica o sacrifício, é pedido em função de um incremento da consciência da pobreza como virtude evangélica. Como diz São Paulo: “Não temos nada e possuímos tudo”. A verdadeira maneira de possuir tudo é viver um desapego para com tudo. Pode-se pagar até somente dez centavos, mas pagá-los com fidelidade tem um valor fundamental de chamado de atenção, porque é um gesto concreto e unitário. Alguém que não se empenhasse com essa diretriz não poderia se considerar parte da fraternidade.

c) Desenvolvimento do conhecimento da doutrina da Igreja

O aprofundamento catequético do Movimento é a Escola de Comunidade: ela ilumina a nossa formação permanente. Deve desenvolver-se valorizando no seu âmbito os Exercícios e os textos “emergentes” do Movimento que esclarecem o contexto no qual se coloca o “percurso” indicado pela Escola de Comunidade.

No caso em que a Escola de Comunidade for feita em outro lugar (como resultado da presença missionária do adulto no ambiente), o grupo de fraternidade deve meditar os exercícios espirituais ou os textos indicados pelo Movimento, sem deixar, em todo caso, de se referir à Escola de Comunidade.

5. A obra

A obra da fraternidade é o incremento do Movimento no serviço à Igreja. Assumir empenhos específicos está, portanto, em função disto (ver carta aos novos inscritos à fraternidade).

IMAGEM DO GRUPO DE FRATERNIDADE

1. Premissa

A adesão à Fraternidade é pessoal: subsiste e vale com ou sem grupo. Este é um princípio fundamental pelo qual a pessoa vive a fé obedecendo “de coração”, ou seja, livre e diretamente, à “forma de ensinamento à qual fomos consignados” (J. Ratzinger, “Intervenção na apresentação do novo Catecismo”, in: *L’Osservatore romano*, 20 de janeiro de 1993, p.5).

A imagem consequente do grupo de fraternidade é o modo com o qual a adesão pessoal à toda a Fraternidade pode ser sustentada.

2. Finalidade e natureza do grupo de Fraternidade

O grupo de Fraternidade é um lugar de amizade cristã, ou seja, de chamado e de memória à própria conversão; um lugar onde seja mais fácil e mais estável a vontade de viver por Cristo. Sem dúvida, é mais fácil ser corrigido do que corrigir-se, por isso é útil um lugar de chamado de atenção. O grupo de Fraternidade, como figura da Fraternidade no seu conjunto, “é a consciência explicitada de estar em caminho, de ter um destino, e portanto uma ajuda para aprofundar a consciência, uma ajuda no aprofundamento do conhecimento e da consciência” (L. Giussani, *L’opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, San Paolo, Cinisello Balsamo, 2002, p. 105). É “uma proximidade de pessoas que se aceitam justamente como uma escola, uma escola [...] para aprender a amar o outro” (*ibidem*, p. 168).

“Deve tornar-se um lugar que mobiliza, que nos muda” (*ibidem*, p. 39).

As fraternidades ajudam na busca da santidade pessoal e na vocação que se vive: “A exigência [...] de viver a fé e depois empenhar-se com ela” (L. Giussani, “Carta aos novos inscritos à Fraternidade”, in *ibidem*, p. 249), a ponto de contribuir para a obra de salvação que Cristo introduziu no mundo com a sua Igreja.

3. Método (Com qual critério se escolhe um grupo?)

O critério com o qual se escolhe um grupo é a proximidade, ocasião para uma convivência que devemos desejar. A primeira proximidade que permite reconhecer o valor de todas as outras é a vocacional. Neste sentido, os grupos de Fraternidade “devem nascer segundo as convergências naturais e segundo as escolhas das pessoas, sem esquemas pré-fixados (“o ambiente” são os relacionamentos interpessoais, antes de ser um território ou uma classe social)” (*ibidem*, p. 40).

O grupo de Fraternidade pode vir de uma amizade anterior, mas implica sobretudo a decisão acerca da necessidade da companhia de tais pessoas para a própria fé e para as necessidades da vida.

O resultado de semelhante companhia particular é a descoberta de sempre mais pessoas como fraternas, isto é, a missão: a expressão mais verdadeira da experiência da Fraternidade.

De fato, “a explicitação de uma comunialidade é portanto um envolvimento da vida inteira, de modo que aquilo que acontece ao outro não pode deixar de incidir e envolver a própria vida” (L. Giussani, “Carta aos novos inscritos à Fraternidade”, in *ibidem*, p. 251-252).

4. Regra e condução

A regra sugerida para os grupos de Fraternidade propõe-se como uma ajuda oferecida a cada pessoa no empenho que ela assume aderindo à Fraternidade. Esta regra prevê:

- um mínimo empenho cotidiano com a *oração*;
- uma educação concreta à *pobreza* (também ao valor do dinheiro, mediante o *fundo comum*);
- um sustento para a *obra do movimento* (quicá mediante uma obra particular);
- aprofundamento da *doutrina da Igreja*.

De qualquer forma, os grupos de Fraternidade “não podem ter como sua expressão o debate sobre o texto” (*ibidem*, p. 83) que não se torne comparação acerca das exigências da vida, materiais e espirituais.

Isto esclarece também a função e o modo da Escola de Comunidade. “Se a Escola de Comunidade fosse bem vivida, se tornaria Fraternidade para os adultos [...]. Portanto, uma Escola de Comunidade é uma Fraternidade “inacabada”, ou seja, ainda não é Fraternidade porque está mais na superfície do nosso empenho: é um exercício mais do que uma vida” (*ibidem*, p. 167). Tudo é potencialmente uma Fraternidade.

As fraternidades são conduzidas: pelos *Exercícios Espirituais*; pela retomada deste gesto: os *retiros*; e, eventualmente, pelas *Assembléias regionais*. O *prior* tem uma função importante de secretaria, cujo aspecto principal é comunicar as indicações do Centro; não é irremovível, enquanto cabe a cada um ser responsável da vida da própria Fraternidade. Os grupos de Fraternidade podem escolher “guias” como pessoas com autoridade no sentido evangélico, identificáveis também fora do grupo, mas – de qualquer forma – devem ser aprovados pelo Executivo.

O objetivo de todas as indicações é o incremento de uma humanidade

cristã: uma humanidade concretamente diversa na maneira de pensar, de sentir e, possivelmente, de se comportar.

Toda a Fraternidade, evidentemente, encontra a sua consistência no interior do movimento e da direção que lhe é dada. Não é oportuno acrescentar outros instrumentos de guia da fraternidade, além daqueles já previstos (cartas e colocações do Fundador; diaconia central; responsáveis regionais; etc.). É importante, ao invés, que os instrumentos atualmente presentes sejam vividos com seriedade e, possivelmente, preparados, enviando contribuições e perguntas aos responsáveis. Em particular, é importante sublinhar o valor dos retiros, que devem ter: um momento de reflexão, (que retome a atualidade dos Exercícios); um momento de silêncio; um momento de assembléia e a Santa Missa.

Notas

- ¹ Saudação de Dom Luigi Giussani aos participantes da XXV peregrinação de Mace-rata a Loreto, na Itália. In *Passos*, n. 41, julho de 2003.
- ² *Lc* 24,21.
- ³ *Lc* 24,32.
- ⁴ Jacopone da Todi, *Stabat Mater*, vv. 28-30.
- ⁵ Cf. V. Soloviev, “Breve racconto dell’Anticristo”, in *I tre dialoghi*, Torino, Mariet-ti, 1975, p. 207. Em língua portuguesa: “O Anticristo”. Em: *30 Dias*, n. 9, outubro de 1988, p. 45.
- ⁶ L. Giussani, *Educar é um risco*, [tradução: Neófita Oliveira], São Paulo, Compa-nhia Ilimitada, 2000, pp. 14-15.
- ⁷ Bento XVI, *Deus caritas est*, Carta encíclica de 25 de dezembro de 2005, 1.
- ⁸ “Cometa” é uma associação que acolhe menores em comunidades familiares, na ci-dade de Como.
- ⁹ G. Greene, *Fim de caso*, Rio e Janeiro, Record.
- ¹⁰ C. Péguy, *Cartesio e Bérghson*, Lecce, Milella, 1977, p.236.
- ¹¹ Cf. B. Pascal, *Pensamentos*, n.47 (172), São Paulo, Martins Fontes, 2001, p. 17.
- ¹² C. Pavese, *Dialoghi con Leucò*, Torino, Einaudi, 1947, pp. 165-166.
- ¹³ Cf. H. Ibsen, *Peer Gynt*, atto V, Torino, Einaudi, 1959, p. 131.
- ¹⁴ L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, [tradução: Paulo Afonso E. de Olivei-ra], 2ª. Ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2003, p.11.
- ¹⁵ L. Giussani, *Una presenza che cambia*, Milano, BUR, 2004, p. 369.
- ¹⁶ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, [tradução: Durval Cordas, Neófita Oli-veira e Miguel Mahfoud], São Paulo, editora C. I., 1996, p.11.
- ¹⁷ L. Giussani, *O senso religioso*, [tradução: Paulo Afonso E. de Oliveira], Rio de Ja-neiro, Nova Fronteira, 2000, p.28.
- ¹⁸ L. Giussani, *O eu, o poder, as obras*, [vários tradutores], São Paulo, Cidade Nova, 2001, pp.58-59.
- ¹⁹ H. Arendt, *Archivio Arendt -2.1950-1954*, Milano, Feltrinelli, 2003, p. 26.
- ²⁰ A. Finkelkraut, *La sconfità del pensiero*, Roma, Lucarini, 1989, p.108.
- ²¹ R. Guardini, *Ritratto della malinconia*, Brescia, Morcelliana, 1952, pp. 29-30.
- ²² *Ibidem*, pp. 46-47, 53, 55.
- ²³ F. Kafka, citado em L. Giussani, *O senso de Deus e o homem moderno*, [tradução: Durval Cordas e Paulo Afonso E. de Oliveira], Rio e Janeiro, Nova Fronteira, 1997, p. 123.
- ²⁴ F. Kafka, *Aforismi di Zürau*, n. 13, Milano, Adelphi, 2004, p. 27.
- ²⁵ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, op. cit., p. 17.
- ²⁶ J. Ratzinger, “Presentazione del nuovo Catechismo”, in *L’Osservatore Romano*, 20 de janeiro de 1993.

- ²⁷ F. Werfel, *Verdi. Il romanzo dell'opera*, Milano, Corbaccio, 2001, p.247.
- ²⁸ Cf. E. Lévinas, *Umanesimo dell'altro uomo*, Genova, Nuovo Melangolo, 1998, p. 119.
- ²⁹ San Bernardo di Chiaravalle, *Sermoni sul Cantico dei Cantici*, XX, 6.
- ³⁰ Bento XVI, *Deus caritas est*, op. cit., 12 e 13.
- ³¹ L. Giussani, “Natal: o mistério da ternura de Deus”, in *Passos*, n. 68, dezembro 2005, p.4.
- ³² L. Giussani, “Eucaristia: uma Realidade presente, familiar”, in *Passos*, n.66, outubro 2005, p.4.
- ³³ *Mc* 10, 46-52.
- ³⁴ J. Ratzinger, *La Bellezza. La Chiesa*. Roma, Libreria Editrice Vaticana - Itaca, Roma – Castel Bolognese, 2005, p. 16.
- ³⁵ N. Kabasilas, citado em *ibidem*, pp. 15-16.
- ³⁶ J. Ratzinger, *La Bellezza. La Chiesa*, op. cit., p. 19.
- ³⁷ J. Leclercq, *Meditazioni di vita cristiana*, Roma, Ed. Paoline, 1956, pp. 21-22.
- ³⁸ R. Grotti, “Meu coração”, in *Cantos*, p.75.
- ³⁹ *1 Cor* 15,14.
- ⁴⁰ Cf. *Mt* 28,20.
- ⁴¹ Bento XVI, “Homilia na Vigília Pascal”, 15/04/2006, in *Passos*, n. 72, maio 2006, p. 46.
- ⁴² *Ibidem*, pp. 46-47.
- ⁴³ *Mt* 26, 56.
- ⁴⁴ Cf. *Jo* 20,19.
- ⁴⁵ *Mc* 16,8.
- ⁴⁶ *Lc* 24,38.
- ⁴⁷ *Lc* 24,21.
- ⁴⁸ Cf. *Jo* 20,27.
- ⁴⁹ *Jo* 20,15-16.
- ⁵⁰ Cf. *Jo* 21,15.
- ⁵¹ *Jo* 21,7.
- ⁵² *Jo* 21,12.
- ⁵³ L. Giussani, “Cristo ressuscitado, a derrota do nada”, in *Passos*, n. 71, abril de 2006, p. 4.
- ⁵⁴ *Ibidem*, pp.4-5.
- ⁵⁵ *Catecismo da Igreja Católica*, 643-644.
- ⁵⁶ V Domingo do Tempo Comum, Oração do Dia.
- ⁵⁷ Bento XVI, “Homilia na Vigília Pascal”, op. cit., pp. 46-47.
- ⁵⁸ *Gl* 2,20.
- ⁵⁹ Bento XVI, “Homilia na Vigília Pascal”, op. cit., p. 47.
- ⁶⁰ L. Giussani, “Natal: o mistério da ternura de Deus”, op. cit., p.2.

- ⁶¹ L. Giussani, *Por que a Igreja*, [tradução: Neófito Oliveira e Durval Cordas], Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2004, p. 303.
- ⁶² Bento XVI, “Homilia na Vigília Pascal”, op. cit., p. 47.
- ⁶³ Cipriano, *De Ecclesiae Catholicae unitatae*, c.23.
- ⁶⁴ Bento XVI, “Homilia na Missa do Crisma”, Quinta-Feira Santa, in *L’Osservatore Romano*, 14 de abril de 2006, p. 5.
- ⁶⁵ C.S. Lewis, *Diario di un dolore*, Milano, Adelphi, 1994, p. 24.
- ⁶⁶ Cf. Gregório de Nissa, *Omellie sul Cantico dei Cantici*, VIII, Roma, Città Nuova, 1988, pp. 185-186.
- ⁶⁷ Bento XVI, *Deus caritas est*, op. cit., 17.
- ⁶⁸ L. Giussani, *Il santo rosario*, Cinisello Balsamo, Edizioni San Paolo, 2003, p. 36.
- ⁶⁹ Cf. Gregorio di Nissa, *Omellie sul Cantico dei Cantici*, IV, op. cit., p. 94.
- ⁷⁰ M. Luzi, “Libro di Ipazia”, in *Teatro*, Milano, Garzanti, 1993, p. 76.
- ⁷¹ F. Werfel, *Nel crepuscolo del mondo*, Milano, Mondadori, 1937, p. 421.
- ⁷² Cf. *Jo* 21,17.
- ⁷³ L. Giussani, *L’uomo e il suo destino. In cammino*, Genova, Marietti, 1999, p. 117.
- ⁷⁴ J. Green, *La luce che resta. Diario (1966-1972)*. Milano, Rusconi, 1976, p. 219.
- ⁷⁵ L. Giussani, “Cristo resuscitato, a derrota do nada”, op. cit., p.8
- ⁷⁶ Cf. Jacopone da Todi, “Como l’anima se lamenta con Dio della carità superardente in lei infusa”, Lauda XC, in *Le laude*. Firenze, Libreria Editrice Fiorentina, 1989, p. 318.
- ⁷⁷ Cf. Cl 1,17.
- ⁷⁸ A. Negri, “Atto d’amore”, in *Mia giovinezza*, Milano, BUR, 1995, p. 70.

Sumário

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE BENTO XVI	3
<i>Sexta-feira, 28 de abril, noite</i>	
INTRODUÇÃO	4
SANTA MISSA – <i>HOMILIA DE PADRE PINO</i>	8
<i>Sábado, 29 de abril, manhã</i>	
PRIMEIRA MEDITAÇÃO – <i>O nosso coração não se perdeu</i>	9
SANTA MISSA – <i>HOMILIA DE S.E. DOM STANISLAW RIELKO</i>	22
<i>Sábado, 29 de abril, tarde</i>	
SEGUNDA MEDITAÇÃO – <i>A potência da Sua ressurreição</i>	27
<i>Domingo, 30 de abril, manhã</i>	
ASSEMBLÉIA	37
SANTA MISSA – <i>HOMILIA DE PADRE FRANCESCO VENTORINO</i>	51
MENSAGENS RECEBIDAS	53
TELEGRAMAS ENVIADOS	55
<i>Apêndice</i>	
A ARTE EM NOSSA COMPANHIA	60
DIRETORIO PARA OS GRUPOS DE FRATERNIDADE	63
IMAGEM DO GRUPO DE FRATERNIDADE	65
<i>Notas</i>	69
